

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

JADEILSON CRUZ RIBEIRO

**A CONCEPÇÃO DE CONHECIMENTO NA OBRA *ENSAIO ACERCA DO
ENTENDIMENTO HUMANO* DE JOHN LOCKE**

São Luís
2014

JADEILSON CRUZ RIBEIRO

A CONCEPÇÃO DE CONHECIMENTO NA OBRA *ENSAIO ACERCA DO ENTENDIMENTO HUMANO* DE JOHN LOCKE

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão, para a obtenção do grau de licenciatura em Filosofia.

Orientadora: Prof^a Esp. Carmem Maria Almeida Portela

São Luís
2014

Ribeiro, Jadeilson Cruz

A concepção de conhecimento na obra ensaio acerca do entendimento humano de John Locke / Jadeilson Cruz Ribeiro. -- 2014.

54 f.

Impresso por computador (fotocópia).

Orientadora: Carmem M^a Almeida Portela

Monografia (Graduação) -- Universidade Federal do Maranhão, Curso de Filosofia, 2014.

1. Filosofia -- Locke 2. Conhecimento 3. Ideias 4. Linguagem
5. Empirismo I. Título

CDU 1 LOCKE

JADEILSON CRUZ RIBEIRO

A CONCEPÇÃO DE CONHECIMENTO NA OBRA *ENSAIO ACERCA DO ENTENDIMENTO HUMANO* DE JOHN LOCKE

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão, para a obtenção do grau de licenciatura em Filosofia.

Aprovado em: / /

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Especialista em Metodologia do Ensino Superior Carmem Maria Almeida Portela (Orientadora).
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Ms. Raimundo Nonato Araújo Portela Filho
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Ms. Hamilton Dutra Duarte
Universidade Federal do Maranhão

Aos meus pais: Sebastião Pires Ribeiro e Florinda Costa Cruz.

Aos meus irmãos: Jadevilson Cruz Ribeiro, Jadevaldo Cruz Ribeiro, Jadeilton Cruz Ribeiro e Ítalo Marcelo.

Às minhas irmãs: Maria Andreлина e Jesuíte.

A todos os meus primos, sobrinhos e tios.

A todas as minhas primas, sobrinhas e tias.

A todos os meus amigos.

A todas as minhas amigas.

A todos os professores e a todas as professoras que fizeram parte da minha vida estudantil.

A todos e a todas que de alguma maneira torceram e/ou torcem pelo meu sucesso.

Aos meus avós paternos e maternos (*in memoriam*).

E a todos e a todas que de alguma maneira contribuíram para o meu ingresso na vida acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à minha querida, estimada e digníssima mãe: Florinda Costa Cruz, a quem tenho infinito respeito e admiração, sem ela jamais teria conseguido ascender à vida acadêmica. Ela não mediu esforços para que eu e meus irmãos pudéssemos ter um diploma de nível superior. Apesar do pouco estudo, ela é a pessoa mais sábia que conheci em toda a minha vida. A minha mãe tem um senso de justiça muito elevado, e o meu caráter devo a essa mulher tão digna, que me ensinou sempre a buscar o *Bem*.

A quem também muito me satisfaz agradecer é ao meu pai: Sebastião Pires Ribeiro. Um homem que sempre provocou em mim muita admiração. Ele sempre foi, continua sendo, e sempre será o meu maior herói. Nunca vi e nem conheci outro homem tão fantástico, admirável e incrível como ele. O meu pai, sem dizer uma única palavra, ensinou-me a ser forte, coerente e nunca desistir daquilo que busco.

A minha família em geral também merece o meu agradecimento. Jadevilson, Jadevaldo, Jadeilton, Ítalo Marcelo, Maria Andreлина (Deca), Jesuíte são meus irmãos e minhas irmãs que sempre foram motivos para que eu não desistisse e seguisse em frente. A minha vitória também é vitória deles. Agradeço também aos meus familiares das famílias: Cruz, Ribeiro, Pires, Costa, Correia e de outras que possam fazer parte da minha história. A família é algo sagrado, e por mais distante que alguém seja meu parente, eu jamais deixarei de considerá-lo como parte da minha história, e, de alguma maneira, a minha vitória será dele também. E por considerar todos os meus primos(as), sobrinhos(as) e tio(as) importantes em minha vida não citarei nomes. E para finalizar os agradecimentos referentes à minha família, citarei o nome de um ser humano muito importante em minha vida, o meu avô paterno Manoel Pires Correia. Ele foi o único avô que conheci e convivi, pois não tive o privilégio e nem a honra de conhecer e conviver com meu avô materno, minha avó paterna e minha avó materna. Creio que se aquele velhinho alegre e sábio que morreu aos 117 anos estivesse vivo, estaria muito feliz com o atual momento do netinho dele.

Não posso também deixar de agradecer aos meus amigos. A todos eles agradeço de coração a torcida e o companheirismo. Ter amigos é algo muito importante na vida daqueles que buscam um lugar ao sol. Na hora que você mais precisa, sempre há um amigo para lhe incentivar e lhe mostrar o quanto você é

capaz. Dentre os tantos amigos que tenho, destaco os irmãos Costa: Hernildo (Bidão), Renato, Jorginho, Celso, Cândida e Sandra. Eu considero a gratidão uma virtude, e sou muito grato a essas pessoas, que mencionei, pela hospitalidade, pelo carinho e respeito para comigo. Todos eles são maravilhosos, para eles só tenho elogios. Agradeço também a senhora Julinar (do povoado Canarinho - Turiaçu Maranhão) e todos os seus familiares pelo respeito e amizade. Cito também os meus amigos Antônio Pereira Cabral e Miguel Carlos Oliveira pelos anos de convivência e pela cumplicidade. Também lembro dos meus amigos de infância da Praia de Sababa. Alguns já se foram, mas a maioria ainda povoa o mundo com graciosidade e dignidade. Para finalizar os agradecimentos aos meus amigos, menciono a Senhora Odineia, a qual tenho muito respeito e carinho. E aos amigos que não mencionei, quero que saibam que agradeço a todos, pois são muito importantes em minha vida.

Por fim, agradeço a todos os professores e professoras que fizeram parte da minha vida estudantil. Da professora Carmem (minha primeira professora) da Praia de Sababa - Escola Robson Campos Martins - à professora Carmem Maria Almeida Portela (minha orientadora) da Universidade Federal do Maranhão. Durante todo o meu percurso estudantil tive o privilégio e a honra de ser aluno de muitos professores e professoras sensacionais. Dentre eles destaco o trio que mais contribui para eu seguir em frente nos meus estudos: Nilda Pires, Edmar Costa Filho (Dezinho) e Ederson Costa. Essas três pessoas me fizeram acreditar que eu era capaz de ir mais além. Eu agradeço muito aos três por serem pessoas e professores incríveis. Destaco também a professora Joselle Couto por ter despertado o meu interesse por Filosofia. Agradeço também o professor Lincoln Serejo por ter feito com que eu não desistisse do Curso de Filosofia. Sem pedir uma única vez para eu continuar no Curso de Filosofia, o professor Lincoln foi capaz de me fazer ir até o final. E para finalizar, agradeço a professora Carmem Maria Almeida Portela por ter aceitado ser a minha orientadora e aos professores: Raimundo Nonato Araújo Portela Filho e Hamilton Dutra Duarte por aceitaram fazer parte da banca examinadora desta monografia.

"Afirmo que a capacidade é inata, mas o conhecimento adquirido."

(John Locke)

RESUMO

A presente pesquisa investiga a origem, a essência e a certeza do conhecimento humano a partir do viés empirista apresentado e desenvolvido pelo filósofo inglês John Locke no *Ensaio acerca do entendimento humano*. O problema crucial que move a pesquisa é a busca pelo entendimento sobre a maneira como Locke concebe a noção de conhecimento na obra em questão. O objetivo principal a ser buscado consiste na tentativa de elucidar os argumentos utilizados por Locke para justificar que o conhecimento é fundamentalmente derivado da experiência sensível. No decorrer da pesquisa fica evidente que o conhecimento não é algo inato, que já exista na mente do indivíduo antes do nascimento, mas é adquirido no transcurso da vida humana. Assim, o conhecimento é um processo contínuo. Enquanto o indivíduo vive ele terá a capacidade de adquirir e desenvolver conhecimento. Para dar conta do problema apresentado, a pesquisa compor-se-á de três momentos. O primeiro busca esclarecer o papel das ideias na teoria do conhecimento de Locke, em especial, as ideias derivadas diretamente da sensação. O segundo momento mostra a importância da linguagem para a construção do conhecimento, levando em consideração a afirmação de Locke que ela seja um artefato humano. E no terceiro e último momento, tratar-se-á sobre a questão do conhecimento em si, no intuito de esclarecer como o conhecimento é constituído e qual sua importância para a vida humana, levando principalmente em consideração os graus, a extensão e a certeza do conhecimento humano. A pesquisa parte das ideias, passando pela linguagem, para compreender como o conhecimento é concebido e entendido por Locke.

Palavras-chave: Locke. Conhecimento. ideias. Linguagem. Empirismo.

ABSTRACT

This research investigates the origin, the essence and the certainty of human knowledge, from empiricist standpoint, presented and developed by English philosopher John Locke in Essay concerning human understanding. The crucial problem that moves research is the search of understanding about the manner how Locke conceives the notion of knowledge in the work at stake. The main aim to be sought consists of the attempt to elucidate the arguments used by Locke to justify that knowledge is fundamentally derived of sensitive experience. Along the research it becomes evident that knowledge is not something innate, that existed in the mind of the individual before birth, but is acquired during human life. Thus, knowledge is a continuous process. As long as the individual lives he will have the capacity of acquiring and developing knowledge. In order to solve the presented problem, the research will be made up of three moments. The first tries to clarify of ideas in Locke's theory of knowledge, particularly the ideas derived directly from sensation. The second shows the relevance of language to the building of knowledge, taking into account Locke's statement that it is a human artifact. And in the third and last moment the question of knowledge in itself will be dealt with, aiming to clarify how knowledge is constituted and how important it is to human life, chiefly taking into consideration the degrees, the extension and the certainty of human knowledge. The research starts from ideas, passing through language, in order to understand how knowledge is conceived and understood by Locke.

Key-words: Locke. Knowledge. Ideas. Language. Empiricism.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. A CONTRIBUIÇÃO DAS IDEIAS SENSÍVEIS PARA A AQUISIÇÃO DO CONHECIMENTO	13
3. A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO	25
4. A CONSTITUIÇÃO DO CONHECIMENTO NO <i>ENSAIO ACERCA DO ENTENDIMENTO HUMANO</i>	35
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	54

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tematiza o pensamento filosófico sobre a teoria do conhecimento do filósofo inglês John Locke. Ele nasceu em 29 de agosto de 1632 em uma pequena casa de telhado de palha, em Somerset, no vilarejo de Wrington; e faleceu em 28 de outubro de 1704 em Essex. Seu pai era um advogado rural sem ambição, e sua mãe, filha de um curtumeiro. Os seus 72 anos de vida foram marcados por grandes eventos que, de alguma maneira, influenciaram o seu pensamento. Vale ressaltar que John Locke viveu em um período de desordens e transformações políticas e intelectuais na Europa, e mais ainda na Inglaterra.

Pode-se destacar que Locke foi amigo e, de certa maneira, influenciado por cientistas de destaque do século XVII como Robert Boyle, "o pai da química", Thomas Sydenham, um eminente médico, e Isaac Newton, "o pai da física moderna" e um dos maiores cientistas da história da humanidade. Outra importante influência sobre o pensamento lockeano provém da orientação parlamentarista e burguesa de sua família. A ligação de Locke a cientistas provenientes das ciências da natureza pode explicar sua preferência pela experiência, já que, nas ciências naturais, a experiência desempenha o papel decisivo. Também a sua formação burguesa explica o fato de Locke não aceitar a tese de que o homem já nasce com ideias inatas na mente, pois, se pensasse o contrário estaria legitimando a tese absolutista de que o poder do soberano é uma herança divina e deve ser absoluto e ilimitado. É provável igualmente que John Locke tenha recebido influência de Francis Bacon e Thomas Hobbes.

O problema desenvolvido pela pesquisa busca desvendar a maneira pela qual Locke concebe a noção de conhecimento, através do viés empirista, no *Ensaio acerca do entendimento humano*. Para se alcançar tal objetivo é levada em consideração a tese lockeana de que o conhecimento é fundamentalmente derivado da experiência sensível. Pois, essa tese explica todo o conteúdo dos quatro livros da obra em questão. E é nisso que está alicerçada a pesquisa. Ao desviar o foco, em filosofia, da razão para a experiência sensível, John Locke não apenas nos leva a entender: "que tudo que esteja na mente, antes já esteve na experiência"; mas também possibilita o avanço da filosofia, já que o empirismo lockeano é uma maneira de contestar o racionalismo cartesiano. A partir de Locke, a filosofia passa a contar com duas correntes que ao mesmo tempo que se afastam, se aproximam e

se completam, fazendo com que o conhecimento se amplie cada vez mais. E a compreensão desse complemento será importante para o desenvolvimento da Filosofia Moderna e da filosofia em geral.

Especificamente, a pesquisa procurou identificar os elementos que levam ao conhecimento. Partindo da noção de ideia, passando pela linguagem, até a consideração sobre o conhecimento em si. Para que assim se pudesse compreender o que significa conhecimento na visão lockeana.

Estruturalmente, além do capítulo introdutório e o das Considerações Finais, a pesquisa é composta de três capítulos de desenvolvimento. O segundo capítulo deste trabalho monográfico é intitulado: "A CONTRIBUIÇÃO DAS IDEIAS SENSÍVEIS PARA A AQUISIÇÃO DO CONHECIMENTO". O terceiro capítulo, por sua vez, é intitulado: "A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO". E, finalmente, o quarto capítulo é intitulado: "A CONSTITUIÇÃO DO CONHECIMENTO NO *ENSAIO ACERCA DO ENTENDIMENTO HUMANO*". Ao construir os três capítulos de desenvolvimento deste trabalho, o objetivo principal foi definir com a maior precisão possível os conceitos lockeanos centrais para o tema da pesquisa, tais como: ideias, linguagem e conhecimento.

O filósofo John Locke busca explicar e justificar o conhecimento através da via empirista. Para tanto, ele deixa claro porque as ideias não podem ser inatas e porque elas derivam unicamente da sensação ou da reflexão. Também diz porque a linguagem é um artefato humano e a sua finalidade é a comunicação humana. E explica minuciosamente como se dão os graus, a extensão e a certeza do conhecimento humano. Locke trata o seu problema acerca do conhecimento humano como algo a ser explicado através de uma teoria alicerçada em ideias. Dessa maneira, não temos conhecimento além do que temos ideias. Ele também diz porque o conhecimento é mais limitado do que as ideias.

A pesquisa procura entender o que significa *ideias* para John Locke e como ele as utiliza no *Ensaio acerca do entendimento humano*. Para que assim se possa ter a noção de como a linguagem é construída e, principalmente, de como o conhecimento pode ser concebido. E, apesar de as ideias serem muito importantes para o desenvolvimento desta pesquisa, assim como a linguagem também exerce a sua importância, mas o que mais importa é o esclarecimento sobre o que significa o conhecimento. Pois, o propósito desta pesquisa é tentar compreender como se dá o

conhecimento pelo viés empirista proposto por Locke. Desse modo, o conhecimento é o assunto central que norteia a presente pesquisa.

A obra principal desta pesquisa é *Ensaio acerca do entendimento humano* de John Locke. Foram utilizadas secundariamente outras seis obras, que são: *Compreender Locke*, de Patrícia Sheridan; *A Draft do Ensaio sobre do entendimento humano* de John Locke; *Teoria do conhecimento* de Johannes Hessen; *Dicionário Locke* de John W. Yolton; *Locke em 90 minutos* de Paul Strathern; e *Locke: ideias e coisas*, de Michael Ayers. Todas elas contribuíram e foram muito importantes para o desenvolvimento desta pesquisa e a realização deste trabalho.

2. A CONTRIBUIÇÃO DAS IDEIAS SENSÍVEIS PARA A AQUISIÇÃO DO CONHECIMENTO

Ao afirmar que "Não há princípios inatos na mente" (LOCKE, 1991, p. 13), John Locke rejeita o inatismo e prioriza o empirismo. A filosofia empirista de Locke desloca o conhecimento da razão para a intuição sensível; e mais do que isso, leva a uma discussão sobre qual a maneira mais adequada de se conceber o conhecimento. Observemos a citação a seguir:

À tese do racionalismo, segunda a qual a verdadeira fonte do conhecimento é o pensamento, a razão, o empirismo (de empiria, experiência) contrapõe a antítese, dizendo que a única fonte do conhecimento humano é a experiência. Segundo o empirismo, a razão não possui nenhum patrimônio apriorístico. A consciência cognoscente não retira seus conteúdos da razão, mas exclusivamente da experiência. Por ocasião do nascimento, o espírito humano está vazio de conteúdos, é uma tabula rasa, uma folha em branco sobre a qual a experiência irá escrever. Todos os nossos conceitos, mesmo os mais universais e abstratos, provém da experiência. (HESSEN, 2003, p. 54 - 55).

Ao contestar a filosofia puramente racional e de, certa maneira, inaugurar uma nova maneira de pensar filosoficamente, já que nunca antes se tinha feito uma investigação tão profunda referente à origem, à essência e à certeza do conhecimento humano pelo viés puramente empirista, Locke lega aos filósofos vindouros possibilidades de confronto entre o empirismo e o racionalismo. Isso possibilitará a Kant a não rejeitar nem o inatismo nem o empirismo. Immanuel Kant percebeu que se pode conhecer tanto pelo viés do inatismo quanto pelo viés do empirismo e que um completa o outro. Assim, o empirista inglês contribui para uma investigação mais profunda sobre o conhecimento e a filosofia em geral.

Sobre a importância de John Locke para a filosofia moderna, observemos o que diz o comentador Paul Strathern:

Sem Descartes poderia não ter existido a filosofia moderna. Mas foi Locke quem gerou a sua principal linha de desenvolvimento - os empiristas britânicos, que então provocaram Kant a produzir o maior de todos os sistemas filosóficos, que por seu turno determinou o surgimento da imensa loucura de Hegel e o conseqüente descrédito de todos os sistemas por parte de todos, exceto dos marxistas e dos incorrigíveis otimistas. (STRATHERN, 1997, p. 39).

De acordo com Strathern, Locke foi fundamentalmente importante para o desenvolvimento da filosofia moderna. O empirismo lockeano, que deu início ao empirismo inglês influenciou Kant de maneira decisiva, possibilitando o surgimento do importantíssimo sistema filosófico kantiano; e, conseqüentemente, o sistema filosófico hegeliano. E, assim, pode-se dizer que o filósofo empirista John Locke desempenhou um papel decisivo, não apenas para a filosofia moderna, mas para a filosofia em geral. "Talvez nenhum filósofo moderno, com a exceção de Kant, tenha tido uma influência tão ampla quanto Locke." (AYERS, 2000, p. 10). Isso reforça a afirmação de que John Locke seja um filósofo fundamental na História da Filosofia.

Para John Locke, o conhecimento é fundamentalmente derivado da experiência sensível. Sem o conteúdo da experiência, o conhecimento é impossível. Assim, só se conhece porque a experiência existe. Dessa maneira, as ideias dependem da experiência sensível para se tornarem válidas.

Dizer que só é possível conhecer através da experiência é dizer que o inatismo é uma doutrina inválida. Locke desconsidera e refuta o inatismo de forma veemente. No *Ensaio acerca do entendimento Humano*, o filósofo inglês apresenta vários argumentos contra as ideias inatas e a favor da experiência sensível. Observemos a seguinte citação:

A maneira pela qual adquirimos qualquer conhecimento constitui suficiente prova de que não é inato. Consiste numa opinião estabelecida entre alguns homens que o entendimento comporta certos princípios inatos, certas noções primárias, *koinai énoiai*, caracteres, os quais estariam estampados na mente do homem, cuja alma os recebera em seu ser primordial e os transportara consigo ao mundo. Seria o suficiente para convencer os leitores sem preconceito da falsidade dessa hipótese se pudesse apenas mostrar (o que espero fazer nas outras partes deste tratado) como os homens, simplesmente pelo uso de suas faculdades naturais, podem adquirir todo conhecimento que possuem sem a ajuda de quaisquer impressões inatas e podem alcançar a certeza sem quaisquer destas noções ou princípios originais. (LOCKE, 1991, p. 13).

Na citação acima, observa-se nitidamente que John Locke nega o inatismo e deixa evidente a sua preferência pelo empirismo. Locke não admite a opinião de que haja princípios inatos na mente. Para ele, a maneira como adquirimos conhecimento já é o suficiente para se saber que não há princípios inatos. O empirista inglês admite que todo o conhecimento humano é adquirido através das faculdades naturais (sensação e reflexão). Nota-se também, na citação acima, o interesse de

Locke em informar ao leitor que *O ensaio acerca do entendimento humano* é uma tentativa de se conceber o conhecimento através do viés empirista.

A teoria das ideias de Locke rebate o argumento de que o conhecimento das coisas reside na mente das pessoas desde o nascimento. As pessoas não nascem sabendo, elas adquirem conhecimento no transcurso da vida. E para que as pessoas adquiram conhecimento, é necessário que a mente adquira ideias. "Na concepção de Locke, a mente é capaz de pensar por disposição, mas não consegue fazer isso enquanto não for suprida com ideias." (SHERIDAN, 2013, p. 27). Assim, a ideia é fator primordial para que o conhecimento seja concebido.

Observemos a citação a seguir:

Todas as ideias derivam da sensação ou reflexão. Suponhamos, pois, que a mente é, como dissemos, um papel branco, desprovido de todos os caracteres, sem quaisquer ideias; como ela será suprida? De onde lhe provém este vasto estoque, que a ativa e que a ilimitada fantasia do homem pintou nela com uma variedade quase infinita? De onde apreende todos os materiais da razão e do conhecimento? A isso respondo, numa palavra, da experiência. Todo o nosso conhecimento está nela fundado, e dela deriva fundamentalmente o próprio conhecimento. Empregada tanto nos objetos sensíveis externos como nas operações internas de nossas mentes, que são por nós mesmos percebidas e refletidas, nossa observação supre nossos entendimentos com todos os materiais do pensamento. Dessas duas fontes de conhecimento jorram todas as nossas ideias, ou as que possivelmente teremos. (LOCKE, 1991, p. 27).

Locke afirma que a mente é como uma folha de papel em branco que necessita da experiência para ser preenchida. Assim como uma folha de papel em branco necessita de tinta para ser preenchida, a mente necessita da experiência. É a experiência que fornecerá os caracteres para a formação das ideias, para que assim se conceba o conhecimento. De acordo com Locke, todo e qualquer conhecimento depende da experiência. Por conseguinte, o conhecimento não deriva de qualquer fonte inata, deriva apenas da experiência sensível.

As ideias de sensação dependem dos sentidos. Os sentidos levam para a mente as percepções das coisas sensíveis externas. Dessa maneira, permitindo a formação das ideias. É a partir daí que o homem passa a ter noções das coisas. E assim podemos distinguir uma coisa da outra e podemos nomeá-las. É pela sensação que sabemos o nome das cores e percebemos todas as coisas relacionadas aos sentidos. É a sensação que nos permite recebermos "as ideias de amarelo, branco, quente, frio, mole, duro, amargo, doce e todas as ideias que

denominamos de qualidades sensíveis." (LOCKE, 1991, p. 27). Desse modo, percebe-se que as ideias oriundas da sensação permitem ao homem o conhecimento das coisas imediatas, possibilitando o reconhecimento daquilo que é habitual à mente.

A outra fonte de ideias é a "percepção das operações de nossa própria mente, que se ocupa das ideias que já lhe pertencem." (LOCKE, 1991, p. 27 - 28). E a essa percepção, Locke denomina de reflexão. Essas operações da mente são percebidas e refletidas pelo homem.

Tais operações, quando a alma começa a refletir e a considerar, suprem o entendimento com outra série de ideias que não poderia ser obtida das coisas externas, tais como a percepção, o pensamento, o duvidar, o crer, o racionar, o conhecer, o querer e todos os diferentes atos de nossas próprias mentes. Tendo disso consciência, observando esses atos em nós mesmos, nós os incorporamos em nossos entendimentos como ideias distintas, do mesmo modo que fazemos com os corpos que impressionam nossos sentidos. Toda gente tem esta fonte de ideias completamente em si mesma; e, embora não tenha sentido como relacionada com os objetos externos, provavelmente ela está e deve propriamente ser chamada de sentido interno. (LOCKE, 1991, p. 28)

Na citação, fica evidente que a reflexão é uma ação interna. A reflexão ocorre na própria mente. "Somos solicitados a ter consciência dessas ideias e a observá-las em nós próprios." (YOLTON, 1996, p. 230). Mas, isso não significa ideias inatas. A reflexão só é possível, porque existe a experiência. Como já foi mencionado, é a experiência que fornece o conteúdo para a formação das ideias.

"O que se processa em nossas mentes são ideias de sensibilidade assim como ideias de reflexão." (YOLTON, 1996, p. 230). De acordo com Locke, todas as nossas ideias derivam da sensação ou reflexão. Não existe nenhuma outra fonte que possa gerar ideias. Assim, será falsa qualquer afirmação que diga o contrário, pois não existe confirmação da existência de outra fonte que gere ideias.

Como já se sabe, as ideias derivam de duas fontes: sensação e reflexão. E as ideias também podem ser de dois tipos: simples e complexas. As ideias simples e complexas nos ajudam a "entender melhor a natureza, a maneira e a extensão de nosso conhecimento" (LOCKE, 1991, p. 32). São as ideias que permitem ao ser humano entender até onde será possível conhecer. Elas também possibilitam o melhor entendimento sobre a maneira como conhecemos e como funciona o nosso conhecimento. Sem as ideias, o conhecimento seria inválido, ou melhor, não seria possível conhecer.

Sobre as ideias simples, observemos o que diz John Locke (1991, p. 32):

Posto que as qualidades que impressionam os nossos sentidos estão, nas próprias coisas, tão unidas e misturadas que não há separação, nenhuma distância entre elas, é claro que as ideias, produzidas na mente, entram pelos sentidos, simples e sem mistura. Embora a visão e o tato recebam do mesmo objeto, com frequência e ao mesmo tempo, ideias diferentes, fazendo com que um homem perceba o movimento e a cor, a mão sinta maciez e calor num mesmo espaço de cera; apesar disso, as ideias simples unidas num mesmo objeto são perfeitamente distinguíveis como as que entram pelos diferentes sentidos; a frieza e a dureza que um homem sente num pedaço de gelo são ideias tão distintas à mente como o perfume e a brancura de um lírio, ou como o gosto do açúcar ou perfume da rosa: nada pode ser mais evidente a um homem do que a percepção clara e distinta dessas ideias simples, de tal modo que, sendo cada uma delas sem mistura, nada contém em si exceto uma aparência ou concepção uniforme na mente, que não pode ser distinguível em ideias diferentes.

Observa-se, na citação acima, que as ideias simples não têm misturas. Essas ideias são evidentes por si próprias, pois não necessitam de operações complexas para serem compreendidas pelo homem. Ao serem apreendidas pelos sentidos, elas se tornam claras e evidentes, exigindo no máximo a reflexão. Fica nítido também que, para Locke, a fonte do conhecimento humano está nos objetos. Assim, o conhecimento parte do objeto para o sujeito. Podemos assim dizer que existem: o objeto, a mente e a ideia do objeto criada na mente. Dessa maneira, as ideias são causadas por objetos exteriores à mente. É como se a ideia fosse um retrato do objeto.

As ideias complexas não são derivadas diretamente da experiência. Elas são construídas a partir das ideias simples apreendidas pela mente. Se não houvesse ideias simples, seria impossível existir ideias complexas. Na recepção das ideias simples a mente é inteiramente passiva, mas na formação das ideias complexas, a mente é bastante ativa.

As ideias simples podem chegar à mente humana através de quatro meios distintos:

Primeiro, algumas entram em nossas mentes por um único sentido. Segundo, outras transportam-se à mente por mais de um sentido. Terceiro, outras derivam apenas da reflexão. Quarto, algumas abrem caminho, e são sugeridas à mente, por todos os meios da sensação e da reflexão. (LOCKE, 1991, p. 34).

Algumas ideias simples entram na mente humana por um único sentido, ou pelo tato ou pelo paladar ou pelo olfato, ou pela audição ou pela visão. As cores e a

luz são exemplos disso, elas adentram a mente apenas pela visão. Já os sons chegam à mente apenas através da audição; e os gostos, através do paladar.

Há ideias simples que são transportadas à mente por mais de um sentido. Como por exemplo: as ideias do espaço ou extensão, figura, repouso e movimento. Essas ideias simples são perceptíveis tanto pela visão quanto pelo tato. O ser humano, através da mente, é capaz de identificar essas ideias por esses dois sentidos ao mesmo tempo ou identificar com um sentido em um tempo e com outro sentido em outro tempo. Assim, uma pessoa vendada pode ser levada até um objeto em repouso e ao tocá-lo certifica-se de que o tal objeto está em repouso. E também, uma pessoa ao avistar um objeto em repouso certifica-se de que o objeto está em repouso, sem precisar tocá-lo.

"As ideias da percepção e da vontade derivam da reflexão." (LOCKE, 1991, p. 40). De acordo com Locke, tanto a percepção ou pensamento quanto a vontade ou volição são observadas pela própria mente. Ao observar certas ideias simples, a mente é capaz de refletir e gerar novas ideias. Por exemplo: "O poder do pensamento denomina-se entendimento, e o poder da volição denomina-se vontade; tais poderes ou habilidades na mente são denominados faculdades." (LOCKE, 1991, p. 40). Desse modo, a ideia simples de uma palavra pode dar origem a outra ou a outras.

A dor e o prazer são ideias simples que se dirigem à mente por todas as vias da sensação e da reflexão. Essas ideias encontram-se em praticamente todas as nossas ideias de sensação e reflexão. São raras as sensações de nossos sentidos externos que não conseguem ocasionar prazer e dor. Ambas as ideias possuem variações que dão origem a outras ideias, mas que no fim se resumem ao prazer ou a dor. E ao falar dessas duas ideias simples, é isso que Locke afirma:

Entendo prazer e dor como algo que nos deleita ou molesta, seja em decorrência dos pensamentos de nossas mentes, seja porque algo opera sobre nossos corpos. Quer denominemos isso, por um lado, satisfação, deleite, prazer, felicidade, etc., ou por outro, inquietude, aborrecimento, dor, tormento, angústia, miséria, etc., constituem apenas graus diferentes da mesma coisa, e são compreendidos pelas ideias de prazer e dor, deleite ou inquietude: denominações usadas, geralmente, por nós para esses dois tipos de ideias. (LOCKE, 1991, p. 41).

Como se constata nas palavras de John Locke, prazer ou deleite e dor ou inquietude são geralmente denominadas por outras palavras. Satisfação e felicidade são exemplos de ideias de prazer; já, aborrecimento, tormento, angústia e miséria

são exemplos de ideais de dor. Essas ideias chegam à mente humana por praticamente todos os sentidos e pela reflexão.

A percepção é a primeira e a mais simples ideia que temos da reflexão. Sem reflexão não se pode ter percepção. O que faz alguém ter certeza da percepção de algo, não é a explicação ou a ajuda de outrem, mas a reflexão sobre a própria ação. É refletindo sobre o que se passa em sua própria mente, que o homem consegue perceber o que realmente algo é ou não é. É a reflexão que direciona o homem ao caminho do conhecimento e do entendimento. E a percepção é o fator primordial que nos ajuda a chegar à certeza do que realmente buscamos entender. "A percepção é a primeira operação de todas as nossas faculdades intelectuais e a entrada de todo conhecimento em nossas mentes." (LOCKE, 1991, p. 44). A citação confirma o que foi dito anteriormente sobre a percepção. Assim, ela estabelece a diferença não apenas entre os animais e os vegetais, mas também entre os próprios animais e entre os próprios homens, pois os vegetais não percebem, uns animais percebem mais do que outros e alguns homens têm a percepção mais aguçada em relação a outros.

A retenção é outra ideia simples de reflexão muito importante para o conhecimento. Essa faculdade retém na mente as ideias simples recebidas da sensação ou da reflexão. E isso ocorre de dois modos. "Primeiro, mantendo por certo tempo a ideia que foi introduzida realmente sob a visão, mediante o que se denomina *contemplação*." (LOCKE, 1991, p. 45). Além da contemplação, "o outro modo de retenção consiste no poder de reviver em nossas mentes aquelas ideias que, após serem impressas, desapareceram, ou parecem ter sido postas de lado, longe da visão." (LOCKE, 1991, p. 45). A esse segundo modo Locke denomina de memória, que para ele é como se fosse um "armazém" de ideias. A memória acumula as ideias e em certas situações recorre ao "armazém" para recordar sobre algo. Nem todas as ideias são revividas com a mesma clareza, umas são mais claras e outras mais obscuras.

Atenção e repetição ajudam a fixar quaisquer ideias na memória. "As ideias, porém, que na realidade marcam inicialmente as impressões de modo profundo e permanente, são as que vem acompanhadas pela dor e prazer". (LOCKE, 1991, p. 45). A dor ajuda as pessoas a prevenir algo que traga ainda mais dor, já o prazer ajuda as pessoas a procurarem coisas mais prazerosas.

Nas criaturas com intelecto, a memória é importantíssima, sem ela, as outras faculdades seriam inúteis, pois não conseguiríamos armazenar as ideias. Mas ela também possui defeitos. O esquecimento e a lentidão são defeitos da memória. O esquecimento pode nos causar ignorância total, pois sem o auxílio das ideias é impossível conhecer. Já a lentidão em grau avançado pode levar o ser humano à estupidez, pois não consegue recorrer as ideias armazenadas para transformá-las em conhecimento.

Locke é muito claro ao dizer que não existe conhecimento sem discernimento. Para ele, a faculdade de discernir e distinguir deve ser levada em consideração, pois é muito importante para a tarefa do conhecimento. Se a mente não tiver uma distinta percepção de seus objetos e qualidades, não conseguirá adquirir muito conhecimento. Assim, o discernimento dos objetos e qualidades da mente é fundamental para a aquisição do conhecimento.

Outro fator importante a se observar sobre as ideias simples é a diferença entre agudez e julgamento. Um homem bem dotado de agudez, nem sempre também o é em se tratando de julgamento. Observemos o que diz Locke (1991, p. 47):

Enquanto a *agudez* consiste principalmente na organização das ideias, agrupando-as com rapidez e variedade, onde divisa qualquer semelhança ou congruência, construindo imagens e visões agradáveis na fantasia, o *julgamento*, pelo contrário, situa-se no outro extremo, esmerando-se em separar ideias entre si devido às suas menores diferenças, evitando equivocar-se por causa de suas similitudes e pela afinidade de tomar uma pela outra.

Como se observa, agudez e julgamento não são a mesma coisa. E a principal diferença está no agrupamento e na separação das ideias. Enquanto a agudez é a atividade que organiza e agrupa as ideias, o julgamento faz o contrário, sendo responsável pela separação das ideias. Assim, os dois se tornam muito importantes para o surgimento do conhecimento.

Para Locke, nem todos os homens comparam de maneira idêntica. Alguns comparam imperfeitamente, já outros conseguem comparar com mais precisão. Os brutos conseguem fazer relação entre os objetos, mas fazem como brutos, ou seja, comparam de maneira imperfeita. Assim, esses seres não conseguem ir muito além de certas circunstâncias sensíveis, pois não possuem a capacidade de refletir adequadamente.

As ideias simples são essenciais para o início do conhecimento humano. Elas abrem caminho para as ideias complexas, possibilitando ao homem conhecer mais profundamente. Observemos o que afirma Locke: "Não me cabe ensinar, mas investigar, portanto, posso apenas de novo admitir que as sensações externas e internas são as únicas passagens descobertas do conhecimento para se chegar ao entendimento." (LOCKE, 1991, p. 49). Portanto, são as sensações que permitem a formação das ideias simples e a chegada ao entendimento.

As ideias complexas não são derivadas diretamente da experiência. Todas as nossas ideias complexas são construídas na mente a partir de ideias simples. Observemos a afirmação de Locke: "as ideias formadas pela reunião de várias simples denominam-se *complexas*, tais como beleza, gratidão, homem, exército, universo." (LOCKE, 1991, p. 51). Locke também diz que a mente é passiva na recepção de ideias simples, mas é bastante ativa na construção de ideias complexas. Logo, pode-se dizer que as ideias complexas são geradas pelas sensações internas. A citação a seguir ajuda a explicar melhor a formação das ideias complexas:

Tendo, contudo, adquirido as ideias simples, a mente deixa de se limitar pela mera observação do que lhe é oferecido externamente, passando, mediante seu próprio poder, a reunir as ideias que possui para formar ideias complexas originais, pois jamais foram recebidas assim unidas. (LOCKE, 1991, p. 51).

Para Locke, a mente tem o poder de unir várias ideias simples em uma só. A mente recebe ideias simples do mundo externo ou através da reflexão e consegue construir ideias complexas. Apesar de a formação das ideias complexas serem um processo interno da mente humana, isso só é possível graças às sensações recebidas do mundo externo.

As ideias complexas podem ser de três tipos: ou de modos, ou de substâncias, ou de relações. Para Locke, as ideias de modos são dependentes, ou atributos das substâncias. Triângulo, gratidão e assassinio são palavras que expressam ideias de modos. Os modos podem ser simples ou mistos. Os simples "são apenas variações ou diferentes combinações da mesma ideia simples, sem mistura de outra qualquer, como uma dúzia ou a contagem, que não é outra coisa senão ideias de muitas unidades distintas somadas." (LOCKE, 1991, p. 52). Assim, esses modos não vão além dos limites das ideias simples, eles estão presos a elas.

Já, os modos mistos "resultam da combinação de diversas ideias de vários tipos" (LOCKE, 1991, p. 52). A ideia complexa de beleza é um exemplo de modo misto, pois depende de certa composição de cor e figura, causando deleite para o espectador, para ser completada.

De acordo com Locke a ideia de número é a mais simples e a mais universal de todas as ideias. Com efeito, os números se aplicam a tudo que existe ou pode ser imaginado. Os modos dos números são formados por adição. "Repetindo estas ideias em nossas mentes, e somando estas repetições, apreendemos as ideias *complexas* de seus *modos*." (LOCKE, 1991, p. 61). Dessa maneira, somando dez unidades obtemos a ideia complexa de dezena; somando um com um obtemos a ideia complexa de par; e assim por diante. E esses modos são os mais distintos dentre todos os outros modos, pois se diferenciam de tal maneira que é praticamente impossível confundir um com outro. E por um número ser bastante distinto de outro, as demonstrações por meio dos números são mais exatas. Assim, não há confusão entre os números 100 (cem) e 1000 (mil). Pois, as pessoas dotadas de percepção tem a exata noção da diferença entre um e outro.

A ideia de infinidade, segundo Locke, é apreendida pela adição ou multiplicação das ideias. Quando se adiciona ou se multiplica algo e não se consegue chegar a um fim, tem-se a ideia de infinidade. Já, a ideia de finidade é apreendida quando se chega a um fim. Por exemplo, quando somamos ou multiplicamos os números de maneira constante e ininterrupta percebemos que não chegaremos a um fim; mas, se por exemplo, queremos chegar a 1000000 (um milhão) a nossa soma ou multiplicação chegará a um fim.

As ideias de substâncias são independentes, ou seja, subsistem por si mesmas. Essas ideias nunca são secundárias. E é isso que afirma Locke:

As ideias de *substâncias* consistem em combinações de ideias simples assumidas para representar distintas coisas *particulares* e que subsistem por si mesmas, sendo a suposta e confusa ideia de substância, tal como é, sempre a primeira e principal. (LOCKE, 1991, p. 52).

As ideias de substâncias são de dois tipos: singulares e coletivas. As singulares existem separadamente, formadas por um único elemento, tais como um homem ou um carneiro. Já a coletiva se refere à reunião de várias ideias de um

mesmo elemento, como um exército de homens. Assim se tem a ideia coletiva de várias substâncias.

As ideias de relação consistem na comparação entre ideias ou coisas. "Relação é o acordo ou desacordo entre duas ou mais coisas, como quer que sejam comparadas." (LOCKE, 2013, p. 44). Portanto, esse tipo de ideias complexas ocorre quando a mente humana consegue relacionar uma ideia a outra, e dessa maneira consegue distinguir uma coisa da outra, podendo identificar o que realmente algo é ou não é. E é desse modo que o ser humano é capaz de entender como as coisas realmente são.

Relações, modos e substâncias são de fundamental importância para a elevação do conhecimento humano. É ao gerar as ideias complexas, que a mente possibilita ao ser humano a chegada a um conhecimento mais elaborado e confiável. É através dessas ideias que o homem consegue entender as coisas do mundo. E a relação está presente tanto nas ideias de modos quanto nas ideias de substância. Para que o conhecimento seja concebido é preciso que haja relações, e só assim se pode alcançar o entendimento. No que se refere a modos e a substâncias, Locke estabelece uma diferença importante para a compreensão de ambas as ideias.

A distinção que Locke estabelece entre modos e substâncias é especialmente importante para sua teoria das ideias. Enquanto ideias complexas, ambas são construídas pela mente a partir de ideias simples de sensação ou reflexão. Ambas também têm o que Locke chama essências reais ou nominais. Entretanto, enquanto no caso dos modos as essências nominais e reais são as mesmas, no caso das substâncias a essência real é desconhecida por todos nós. (SHERIDAN, 2013, p. 29).

De acordo com Patrícia Sheridan, para Locke a essência real das substâncias é desconhecida pelas pessoas porque as ideias complexas de substâncias, apesar de serem formadas na mente, "representam combinações de qualidades que tem uma unidade real no mundo fora da mente." (SHERIDAN, 2013, p. 30). Dessa maneira, a rosa possui uma essência real distinta da essência nominal. Pois, a rosa não existe apenas como ideia na mente, mas também como unidade no mundo extramental. Já um hexágono não possui uma unidade real fora da mente, ele existe apenas na mente humana, por isso as essências reais e nominais são as mesmas.

Após tratar sobre a importância das ideias sensíveis para a aquisição do conhecimento, esta pesquisa tratará no capítulo seguinte sobre a importância da linguagem na construção do conhecimento para que assim se perceba com mais

clareza como John Locke concebe a noção de conhecimento no *Ensaio acerca do entendimento humano*.

3. A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

No livro III do *Ensaio acerca do entendimento humano*, John Locke expõe a sua teoria da linguagem. Porém, já no início da obra, na Carta ao leitor, o Empirista Inglês faz referência ao assunto que tratará mais detalhadamente no livro III. Para Locke, a linguagem exerce um papel fundamental na construção do conhecimento humano. O conhecimento depende da linguagem. Por isso, a linguagem há de ser sempre a mais clara e concisa possível. A linguagem obscura e imprecisa leva a equívocos que dificultam a clareza do conhecimento. O conhecimento é uma certeza em que jamais se pode haver dúvidas, e se houver, que sejam as menores possíveis. Dessa maneira, percebe-se que o conhecimento dá-se na linguagem. Para Locke, sem linguagem o conhecimento humano seria inútil.

De acordo com John Locke, o homem é equipado para formar sons articulados. "O homem, portanto, teve por natureza seus órgãos de tal modo talhados que está equipado para formar sons articulados, que denominamos palavras." LOCKE, 1991, p. 89). Porém, isso não foi o suficiente para produzir a linguagem. Alguns pássaros, os papagaios por exemplo, quando ensinados são capazes de produzir sons articulados. E esses sons são produzidos de maneira bem distinta e compreensível aos homens. Assim, as palavras não são a linguagem. A linguagem é uma etapa posterior às palavras. Para Locke, a linguagem é uma construção humana. Vejamos o que diz Patrícia Sheridan:

Para Locke, a linguagem é puramente um artefato de construção humana e, enquanto tal, tem um grau muito alto de arbitrariedade. A linguagem é um meio de comunicar as ideias particulares que tenho em minha mente, que são invisíveis e ocultas. (SHERIDAN, 2013, p. 78).

Pode-se dizer que as palavras servem para mostrar as ideias a outras pessoas, ou seja, são as palavras que tornam as ideias de um único homem acessíveis a muitos outros. As palavras também servem para que o homem recorde os próprios pensamentos. Dessa maneira, a linguagem, que é posterior as palavras e é um atributo humano, estabelecida entre os homens se torna fundamentalmente importante para convivência humana. Sem linguagem seria impossível estabelecer uma ordem comunicacional racional, e, por conseguinte, o convívio entre os homens seria prejudicado. O homem é um ser de linguagem.

As palavras utilizadas pelos homens não ocorre de maneira natural ou involuntária, mas de maneira voluntária, visto que ao criar as palavras, o homem é consciente de sua ação e sabe que essa criação levará a uma maior interação social entre os homens. Dessa maneira, o homem consegue criar uma linguagem acessível a todos os seres humanos dotados de entendimento.

John Locke diz que a maioria das palavras são termos gerais. Os termos gerais servem para categorizar coisas ou ideias particulares. Desse modo, facilitando o conhecimento mais claro das coisas, pois esses termos ajudam os homens a identificar com mais facilidade coisas que sem a utilização deles seriam de difícil identificação. Por exemplo, num jardim que existem inúmeras flores diferentes, dificilmente o dono desse jardim saberá o nome de todas elas, mas como todas se encaixam na categoria flor, então fica mais fácil para o dono e para as outras pessoas que visitam o jardim. E é sobre a ideia de termos gerais utilizada por Locke, que Sheridan explica:

Nossas mentes fazem naturalmente associações entre ideias e juntam essas ideias baseadas nas várias relações que elas parecem ter; assim, em vez de múltiplos nomes particulares para todas as coisas no meu quintal, eu os reúno sob termos gerais como "flor" ou "arbusto". Nós obtemos nossos termos de classes gerais através de uma espécie de processo de ajuntamento. Estes termos não apenas facilitam a referência, mas também fazem com que nossos termos de referência sejam comunicáveis a outras pessoas. (SHERIDAN, 2013, p. 83).

A definição de termos gerais é importantíssima para a linguagem, já que esses termos conseguem agrupar várias ideias numa só, e assim evita a repetição desnecessária de ideias particulares. E como já foi dito em momento anterior, esses termos além de facilitarem as nossas referências, também facilitam a comunicação entre as pessoas.

Os termos gerais são de extrema importância para a troca de ideias com significados entre as pessoas. Eles elevam as palavras de um âmbito particular para um âmbito geral. Esses termos contém um conjunto de características mais abrangente das coisas, é o que chamamos de classe. Dessa maneira, as palavras que designam termos gerais são mais do que simples ideias ou simples palavras, elas representam uma linguagem mais clara e abrangente. Não dá para falar em linguagem humana, sem falar sobre os termos gerais. São eles que garantem aos homens um maior alargamento das relações humanas.

De acordo com que o filósofo John Locke expõe no *Ensaio acerca do entendimento humano*, os termos gerais são formados da seguinte maneira:

Visto que todas as coisas que existem são apenas particulares, como formamos termos gerais, ou onde encontramos estas naturezas gerais que eles supostamente significam? As palavras tornam-se gerais por serem estabelecidas como os sinais das ideias gerais; e as ideias tornam-se gerais separando-se delas as circunstâncias de tempo e lugar, e quaisquer outras ideias que possam determiná-las para esta ou aquele existência particular. Por este meio de abstração elas tornam-se capazes de representar mais do que um indivíduo, cada um dos quais, tendo nisto uma conformidade com esta ideia abstrata, é (como o denominamos) desta espécie. (LOCKE, 1991, p. 95).

Fica nítido, que para John Locke as ideias gerais são criadas a partir de ideias particulares de formas abstratas ou gerais. É a abstração das ideias que permite a categorização das coisas. Desse modo, é através da linguagem que se criam os termos gerais. Sem linguagem não haveria termos gerais.

Locke também afirma que os nomes das ideias simples não são capazes de qualquer definição, mas que os nomes de todas as ideias complexas são. Se tentássemos definir todos os nomes, faríamos parte de um processo infinito, e assim não conseguiríamos alcançar o nosso objetivo. Os nomes das ideias simples são indefiníveis devido ao fato de essas ideias não possuírem composição, pois elas são apenas ideias simples. Já o nome das ideias complexas são definíveis devido ao fato de essas ideias possuírem elementos que possuem composição. Dessa maneira, possibilita a nomeação de uma ideia geral.

As ideias simples são impressões que a mente recebe dos objetos através dos sentidos. Essas ideias não necessitam de uma definição, pois ao apreendermos a ideia simples, por exemplo, branco, não necessitamos de algo a mais para sabermos que ela é verdadeira. Dessa maneira, as ideias simples são evidentes de imediato. Mas isso não ocorre com as ideias complexas. As ideias complexas necessitam do ajuntamento de várias simples, para que assim se formem e possam ser definidas da melhor maneira possível. Porém, apesar de as ideias complexas serem passíveis de definição e as simples não. Mesmo assim, as ideias complexas são mais duvidosas do que as simples, pois o significado das complexas pode ser duvidoso devido ao fato de não ser conhecido imediatamente, já o das simples é menos duvidoso, visto que é conhecido imediatamente. Assim sendo, o significado dos nomes das ideias simples é mais certo e claro.

Em relação aos nomes dos modos mistos, John Locke diz que as ideias abstratas desses modos são feitas pelo entendimento. Dessa maneira, essas ideias abstratas são produzidas pela mente. E assim elas diferem das ideias simples. Já que as ideias simples não são produzidas, mas apenas recebidas pela mente. E essas ideias abstratas ou essências dos modos mistos também são "feitas muito arbitrariamente, feitas sem modelos ou referência a qualquer existência real." (LOCKE, 1991, p. 104). Assim, os nomes desses modos mistos são criações da mente a partir de operações da própria mente.

Os nomes das ideias complexas dos modos mistos não são criados ou formados ao acaso. Eles seguem uma determinada ordem. A mente forma as ideias e os nomes para que eles tenham uma utilidade para a relação entre as pessoas, porque se não fosse assim, essas ideias não teriam sentido algum. Tudo isso serve para um fim maior, que é a linguagem. Observemos o que diz Locke sobre as ideias complexas ou essências dos modos mistos:

Elas são sempre formadas pela conveniência da comunicação, que é o principal fim da linguagem. O uso da linguagem consiste, em resumo, em sons para dar a entender com facilidade e rapidez conceitos gerais, em que não apenas a abundância de pormenores deve ser contida, mas também uma grande variedades de ideias independentes agrupadas em uma complexa. Ao formar, portanto, a espécie de modos mistos, os homens têm considerado apenas tais combinações, as quais têm tido motivo para mencionar reciprocamente. (LOCKE, 1991, p. 105).

Observa-se que Locke afirma que a comunicação é a finalidade da linguagem, porquanto a mente humana forma as ideias abstratas de maneira que possibilita uma comunicação eficaz entre pessoas. Ele diz também que o uso da linguagem serve para que as pessoas, através de sons, entendam com mais facilidade os conceitos gerais. Assim, os modos mistos são fundamentais para a comunicação entre as pessoas. E também, mesmo não estando na citação acima, o nome das relações também têm por finalidade o uso adequado da linguagem, já que, para Locke, o conhecimento só é possível porque a mente humana é capaz de fazer relações.

Locke afirma que os nomes comuns das substâncias são termos gerais que significam classes. Ele também diz que a ideia abstrata é a essência de cada classe. E a exemplo dos modos mistos e das relações, os nomes das substâncias também

são ideias complexas que têm por finalidade a comunicação entre os homens. Assim sendo, as substâncias também são elementos fundamentais para a linguagem.

A mente humana tem a capacidade de formar as ideias complexas como realmente elas são. Porém, nem todos conseguem fazer isso com perfeição. Alguns não conseguem relacionar todas as características de certas substâncias. E, às vezes, algumas pessoas tomam a ideia de alguma substância como perfeita e, na verdade, não é. Ademais, quanto mais gerais essas ideias, mais incompletas elas são, pois quanto mais caracteres elas possuem, maior é a dificuldade em defini-las de maneira correta. Mas isso deve ser ajustado ao verdadeiro fim de tudo isso, que é a fala. A fala deve ser o mais fácil e mais curto meio para comunicar nossas noções. Logo, a fala deve ser utilizada para facilitar a apreensão das ideias de um indivíduo por outrem ou dos indivíduos entre si.

John Locke diz que as ideias abstratas são distintas umas das outras. Jamais uma pode ser a outra. Cada qual traz em si algo único, fazendo com que de duas, uma nunca seja a outra. Essas ideias são abstraídas pela mente e assim se tornam essências, "essências gerais, por meio das quais classes de coisas são distinguidas." (LOCKE, 1991, p. 117). A mente, através do conhecimento intuitivo, conhece cada ideia abstrata fazendo com que nunca uma seja confundida com outra. Desse modo, tornando a linguagem mais precisa.

As distinções de nomes mostram as diferenças das nossas ideias. É possível observar que todas as ideias simples têm tanto nomes concretos como abstratos. Cada ideia simples possui um substantivo e um adjetivo. O nome concreto é substantivo: como branco e doce; e o abstrato é adjetivo: como brancura e doçura. Isso também ocorre com os nomes das ideias de modos e de relações. Já com os nomes das ideias de substâncias isso praticamente não ocorre, porque quase não há ou não há nomes abstratos dessas ideias.

Locke diz que o discurso até o fim do capítulo VIII do Livro III do *Ensaio acerca do entendimento humano* teve a oportunidade de mencionar o uso duplo de palavras. "Primeiro, uma para o registro de nossos próprios pensamentos." (LOCKE, 1991, p. 119). Assim, primeiramente as palavras pertencem ao indivíduo que as construiu. "Segundo, a outra para comunicação de nossos pensamentos aos outros." (LOCKE, 1991, p. 119). Após serem construídas por um indivíduo, as palavras servem para que haja comunicação dele com os outros indivíduos. Dessa maneira, as palavras são fundamentais para que não esqueçamos de certas coisas.

John Locke também afirma que quanto à comunicação de palavras, há também um uso duplo: civil e filosófico. Por uso civil Locke entende que seja uma comunicação de pensamentos e ideias por palavras que servem para o relacionamento entre os homens para que mantenham laços de sociabilidade que regem a vida cotidiana. Já por uso filosófico, Locke entende que seja o uso de uma comunicação de pensamentos e ideias para a transmissão das noções exatas das coisas, e também para expressar em proposições gerais, verdades evidentes e indubitáveis para que se chegue ao conhecimento verdadeiro. Quanto ao uso filosófico, Locke, na Carta ao leitor, já afirma que a filosofia é o verdadeiro conhecimento das coisas. Dessa maneira, percebe-se que os dois usos são muito importantes para a vida das pessoas, mas o filosófico tem uma importância maior por revelar a verdade das coisas. E em geral o que se observa é que a finalidade principal da linguagem na comunicação é o entendimento. Quando no uso filosófico ou no uso civil uma palavra não consegue estimular no ouvinte a mesma ideia que indica na mente de quem fala, então a palavra não alcançou o objetivo principal da linguagem.

A imperfeição das palavras possui causas materiais. Isso se deve ao fato de as palavras não possuírem significados naturais. A ideia que cada uma significa deve ser apreendida e retida por aqueles que se relacionarão através de pensamentos, para que possam manter o discurso com outras pessoas em qualquer língua. Mas Locke alerta que o discurso entre pessoas em qualquer língua é muito difícil de ser realizado. E ele aponta quatro motivos principais para tal dificuldade:

Primeiro, as ideias que significam algo são muito complexas, e formadas por um grande número de ideias reunidas. Segundo, onde o significado das ideias não tem conexão evidente na natureza, não havendo, deste modo, modelo estabelecido em nenhuma parte na natureza para retificá-las e ajustá-las. Terceiro, onde o significado da palavra é referido a um modelo, não sendo o próprio modelo reconhecido com facilidade. Quarto, Onde o significado da palavra e a essência real da coisa não são exatamente equivalentes. (LOCKE, 1991, p. 120).

Percebe-se claramente na citação acima que John Locke considera as palavras imperfeitas. E essa imperfeição pode ser explicada pelo fato de não nascermos sabendo, ou seja, de não possuímos ideias *a priori*. Assim, é o homem que cria as palavras e a linguagem em geral. Também, as ideias que significam algo têm um grau de complexidade muito elevado, fazendo com que nem todos consigam

apreendê-las e retê-las com facilidade e de maneira adequada. E por não possuírem um modelo natural, as ideias que dão formas às palavras não são reconhecidas facilmente. Dessa maneira, a possibilidade de palavras serem propagadas de maneira equivocada é muito grande.

O abuso de palavras é uma falta grave cometida pelo homem. Na comunicação entre os homens é comum a observação de sinais não tão claros e de significação duvidosa ou incorreta, tornando a linguagem confusa para quem a usa. Um desses abusos consiste no uso de palavras sem ideias claras e distintas, ou sinais que não possuem coisas significativas. Locke diz que são observáveis em todas as línguas palavras que não são usadas para significar quaisquer ideias claras e distintas; e essas palavras são introduzidas por seitas religiosas ou filosóficas. O filósofo inglês também afirma que existem palavras que são comuns na boca dos homens, e apesar dos homens aprenderem os sons dessas palavras, eles não sabem o que isso significa; isso porque essas ideias não foram fundamentadas em suas mentes, mas impostas por outrem. Desse modo, o uso cotidiano de certas palavras leva alguns homens a não buscarem os seus significados, mas apenas reproduzi-las de maneira irrefletida.

Outro abuso grave no uso de palavras, segundo Locke, é a imposição voluntária. Essa imposição consiste no uso arbitrário de palavras. Isso ocorre quando alguém se utiliza da própria ideia para usar outra ideia da maneira que bem entender, ou seja, alguém que usa uma palavra para significar coisas diferentes. Portanto, aquele que utiliza uma determinada palavra para significar ora uma coisa, ora outra está abusando do uso de palavras. E para Locke, quem faz isso ou é um grande louco ou é muito desonesto.

Outra preocupação de John Locke em relação ao abuso da linguagem é a exagerada obscuridade. Muitos homens utilizam palavras descontextualizadas que não condizem com o momento atual, também introduzem termos novos e ambíguos. A definição dos novos termos é muito importante para a clareza da linguagem. Assim, é necessário que aquele que os cria também os defina de tal modo que eles sejam apreendidos da maneira mais nítida possível. Para Locke, a obscuridade na linguagem é encontrada facilmente em todas as línguas. E geralmente são introduzidas por seitas da filosofia ou da religião. Um exemplo bem claro disso é a seita peripatética. Mas não apenas ela, muitas outras cometem o mesmo equívoco e são prejudiciais à linguagem.

"O primeiro passo para evitarmos erros linguísticos é entender, como Locke tentou nos mostrar no Livro III, que as palavras significam estritamente ideias na mente." (SHERIDAN, 2013, p. 89). Isso significa que palavras são ideias que existem tanto na mente do orador como na do interlocutor. Com efeito, quando aquele que fala entende que o ouvinte precisa apreender o discurso de maneira clara e significativa, a linguagem se torna mais evidente.

Após falar sobre as imperfeições e os abusos da linguagem, John Locke, como um bom médico, faz um diagnóstico. Ele diz quais os remédios para esses abusos e essas imperfeições. O primeiro remédio é o cuidado em não usar palavra sem significado, nem nome que não possua uma ideia na qual possa ser apoiado. O segundo remédio consiste na utilização de ideias simples claras e distintas e no emprego de ideias complexas determinadas. As complexas devem ser determinadas porque assim são mais compreensíveis. Dessa maneira, uma ideia complexa confusa deve ser decomposta até se chegar à ideia simples que a formou. O terceiro remédio consiste no cuidado em aplicar as palavras de acordo com o uso ordinário das ideias.

Visto que palavras, especialmente de línguas já estabelecidas, não sendo posse privada do homem, mas a medida comum do intercâmbio e comunicação, não cabe a cada um modificar ao seu bel-prazer a marca característica em que elas circulam, nem alterar as ideias em que estão anexadas; ou, ao menos quando há uma necessidade para fazê-lo, deve ser obrigado a informar. (LOCKE, 1991, p. 129).

Observa-se que Locke é contrário ao acréscimo de palavras sem o devido rigor. Ele acredita que aquele que escreve ou fala deve ter a honestidade de não inventar palavras que não condigam com a realidade da linguagem vigente. E quando alguém entender que novas palavras devem ser incorporadas à linguagem vigente, deve-se preservar a ideia que deu origem a essa palavra, e deve-se também tornar tal palavra acessível e compreensível a todos, pois a intenção da linguagem sempre deve ser o entendimento entre os homens.

John Locke também aponta um quarto remédio para os abusos e as imperfeições da linguagem. O quarto remédio consiste na declaração dos significados das palavras. Em certos casos é necessário para determinar o significado das palavras, que eles sejam declarados. Esse remédio serve para nomes de ideias muito complexas, que tem o uso ordinário incerto e vago.

Locke deixa claro no Livro III do *Ensaio acerca do entendimento humano*, que a linguagem é extremamente importante para o homem. Sem linguagem não conseguiríamos comunicar nossas ideias a outrem. Dessa maneira, o conhecimento seria inútil, ou melhor, o conhecimento não seria possível, pois depende da linguagem para ser validado. Por isso, o filósofo inglês alerta para o uso da linguagem de maneira equivocada, visto que o mau uso dela compromete o conhecimento das coisas e o relacionamento entre os homens. Observemos o que Patrícia Sheridan fala sobre isso no livro *Compreender Locke*:

Então, de acordo com Locke, todos devemos tomar cuidado e evitar o uso de palavras para as quais não temos as ideias correspondentes. Dessa forma, evitamos usar palavras sem significado para as quais ninguém pode ter ideias experienciais. O resultado é que tais ideias não entrarão mais no discurso. (SHERIDAN, 2013, p. 89).

De acordo com a comentadora, Locke alerta as pessoas para a importância do uso correto de palavras. Assim, entende-se que o empirista inglês dá um recado aos seus leitores, que não se deve abusar do uso de palavras. Então, as pessoas sempre devem usar as palavras da maneira mais clara e precisa possível. E a maneira correta deve estar em conformidade com ideias pautadas na experiência, já que, para Locke, toda e qualquer ideia possui referência na experiência sensível. Mesmo as ideias mais complexas não fogem à regra, pois uma ideia complexa é uma coleção de ideias simples.

John Locke afirma que o nosso conhecimento é limitado pelos nossos sentidos. Para ele, as ideias dos homens são limitadas pelos sentidos. Assim, não se pode ir além daquilo que é fornecido pela experiência sensível. E aqueles que afirmam que podemos ir além disso, estão equivocados e não têm compromisso com a verdade. Eis o que diz Locke:

Eis porque devemos considerar quanto o fundamento de todo o nosso conhecimento das coisas corporais depende de nossos sentidos. Toda a extensão de nosso conhecimento ou imaginação não vai além de nossas próprias ideias limitadas por nossos meios de percepção. (LOCKE, 1991, p. 131).

Observa-se claramente a teoria empirista das ideias de Locke. Para ele, o conhecimento humano só é possível porque existe a experiência sensível. Locke não consegue pensar o conhecimento por um viés distinto da experiência. De

acordo com ele, a mente apreende a ideia do objeto através dos sentidos. É assim que o ser humano adquire conhecimento. Dessa maneira, a linguagem também é adquirida através da via empírica.

Para Locke, a linguagem é mais do que um amontoado de palavras, é uma importante ferramenta na comunicação entre os homens e na elevação do conhecimento humano. Desse modo, cada qual deve ter consciência da importância da linguagem para a humanidade. E após tratar da importância da linguagem para a construção do conhecimento humano, tratar-se-á, no próximo capítulo, da constituição do conhecimento.

4. A CONSTITUIÇÃO DO CONHECIMENTO NO *ENSAIO ACERCA DO ENTENDIMENTO HUMANO*

No Livro IV da obra *Ensaio acerca do entendimento humano*, John Locke faz uma profunda investigação acerca do conhecimento humano. No referido livro, Locke aponta as maneiras pelas quais o conhecimento pode se originar. E ao analisar cada uma delas, o filósofo empirista diz como é composto o conhecimento humano. Assim como em toda a obra, no Livro IV ele expõe a sua teoria empirista acerca do conhecimento.

Ao longo de todo o *Ensaio acerca do entendimento humano*, percebe-se que Locke, através de sua teoria do conhecimento, demonstra a tese: o conhecimento é fundamentalmente derivado da experiência sensível. E é no quarto e último livro da obra que isso fica mais evidente, pois o tal livro trata especificamente sobre o conhecimento humano. No Livro IV Locke faz uma investigação sobre o conhecimento em si. Nos três livros anteriores o filósofo empirista prepara o terreno para entrar especificamente na questão do conhecimento. Assim, todos os tópicos dos livros anteriores estão relacionados ao do Livro IV. E o que John Locke pretende verdadeiramente não apenas no último livro, mas em todos os livros do *Ensaio* é estabelecer, através do viés empirista, até que ponto podemos ou não podemos ter certeza acerca das coisas.

Por John Locke ser um empirista é comum ouvir pessoas mal informadas dizerem que ele rejeita a razão, que para ele a razão é inútil, que ele só considera a sensação. Porém, isso não condiz com a verdade dos fatos. Para Locke, a razão é um importante instrumento na organização de nossas ideias e na ampliação do nosso conhecimento, porquanto ela nos ajuda a fazer a distinção e a relação do acordo e desacordo das nossas ideias. E assim podemos organizar o que adquirimos através da experiência sensível. Desse modo, a experiência sensível nos dá o conteúdo do nosso conhecimento e a razão o organiza, dando forma ao conhecimento através de ideias intermediárias. O que Locke afirma é que o conhecimento intuitivo é mais importante que o racional, visto que o primeiro possui uma certeza maior do que o segundo, devido ao fato da imediatidade do conhecimento intuitivo.

De acordo com Locke, o nosso conhecimento está intimamente relacionado às nossas ideias. E isso é identificado no início do Livro IV, quando o filósofo

empirista faz a seguinte afirmação: "o conhecimento nada mais é que a percepção da conexão e acordo, ou desacordo e rejeição, de quaisquer de nossas ideias." (LOCKE, 1991, p. 135). Dessa maneira, o conhecimento só pode existir, onde existe percepção, sem ela não há conhecimento, já que é a percepção que organiza as nossas ideias, fazendo com que as nossas ideias façam sentido para nós. Desse modo, saberemos distinguir o conhecimento do não-conhecimento.

Mas, para que saibamos distinguir, de fato, o conhecimento do não-conhecimento é necessário analisarmos o acordo e o desacordo de nossas ideias. John Locke aponta quatro atos de acordo e desacordo das nossas ideias: identidade ou diversidade, relação, coexistência ou conexão necessária e existência real. O primeiro ato de conhecimento dá-se pelo princípio de identidade ou diversidade, que está ligado ao acordo ou desacordo de nossas ideias, e é ele que faz com que a mente perceba que cada ideia concorda consigo mesma, e é o que é, e que todas as ideias distintas discordam, isto é, uma não é a outra. Isso se dá pelo poder natural de percepção e distinção da mente. O segundo ato de acordo ou desacordo que a mente percebe em quaisquer de nossas ideias é o de relatividade. Esse ato está relacionado à percepção que temos em relação a quaisquer de nossas ideias, e assim a mente pode compará-las e distingui-las. O terceiro ato de acordo e desacordo a ser encontrado em nossas ideias, à qual a percepção da mente é concernente, constitui a coexistência ou não-coexistência no mesmo objeto. Isso pertence particularmente às substâncias, e assim, quando ouvimos falar a respeito de algum objeto ou elemento fazemos a relação com suas qualidades que estão armazenadas em nossas mentes, mas se as informações não estiverem armazenadas não podemos fazer essa relação. O quarto e último ato do acordo e desacordo de nossas ideias consiste na existência real e atual concordando com qualquer ideia. Assim sendo, a existência real está relacionada às ideias que se encontram exterior à mente, é algo que está relacionado à nossa própria existência. A respeito do acordo e desacordo das nossas ideias veremos a seguir o que diz John Locke:

Suponho que estes quatro tipos de acordo ou desacordo contêm todo o conhecimento que possuímos, ou de que somos capazes. Já que todas as investigações que podemos fazer a respeito de quaisquer de nossas ideias, tudo o que sabemos ou podemos afirmar a respeito de uma delas, é o que é, ou não é, o mesmo com alguma outra; que isto coexiste ou nem sempre coexiste com alguma outra ideia no mesmo objeto; que isto tem estado ou

aquela relação com alguma outra ideia; ou que isto tem uma existência real fora da mente. (LOCKE, 1991, p.136).

Como se observa na citação acima, Locke considera que há quatro tipos de acordo ou desacordo das ideias dos homens que contêm todo o conhecimento humano. Locke chegou a essa conclusão após uma investigação profunda acerca das ideias do homem. Portanto, o filósofo empirista constatou que tudo o que conhecemos ou somos capazes de conhecer se encontram nesses quatro tipos de acordo ou desacordo. Em se tratando de conhecimento, não há coisa alguma que esteja fora do alcance de pelo menos um desses quatro tipos de acordo ou desacordo de nossas ideias.

Locke diz que a palavra conhecimento tem algumas acepções. E a primeira acepção que ele define é a de conhecimento atual. Ao conhecimento atual pode-se considerar o momento presente que a mente tem do acordo e desacordo de qualquer de suas ideias, ou da relação que existe entre essas ideias. Outra acepção é o conhecimento habitual, que está relacionado ao reconhecimento pela mente de fatos anteriores e isso se deve à memória. Se um indivíduo reconhece aquilo que está diante de si e percebe o acordo e desacordo de suas ideias, então pode-se dizer que há conhecimento. O filósofo empirista também analisa o conhecimento habitual desdobrado, que pode ser de dois graus; o primeiro consiste nas verdades dispostas na memória e que a mente sempre percebe a relação atual de acordo e desacordo entre as ideias. Isso ocorre nas verdades pertencentes ao conhecimento intuitivo em que as ideias percebem imediatamente o acordo e o desacordo entre elas. Já o segundo trata das verdades de que a mente é convencida e retém a memória dessa convicção sem recorrer a provas, ou seja, uma vez que um indivíduo presencia certa demonstração, ele fica convencido daquela verdade e assim não a coloca em dúvida, não procura investigar aquele fato. Esse segundo grau está relacionado ao conhecimento demonstrativo.

O próximo passo é a análise acerca dos graus do conhecimento humano, que para John Locke são três: intuitivo, demonstrativo e sensitivo. O conhecimento intuitivo é o mais importante dos três. E a importância desse conhecimento está em sua definição: "às vezes a mente percebe o acordo ou desacordo de duas ideias imediatamente por elas mesmas, sem a intervenção de qualquer outra: penso que a isto podemos chamar de conhecimento intuitivo." (LOCKE, 1991, p. 139). Nesse

conhecimento a mente não se esforça para examinar ou provar, pois percebe a verdade de imediato.

Já o conhecimento demonstrativo "consiste em a mente perceber o acordo ou desacordo de quaisquer ideias, mas não imediatamente." (LOCKE, 1991, p. 139), pois esse conhecimento depende de provas. Essas provas servem para que se descubra a verdade. E quando se chega à verdade sobre o que se busca, chama-se isso demonstração. Por precisar de provas para constatar sua validade, esse conhecimento antes de ser demonstrado era duvidoso e por isso é considerado menos importante que o intuitivo. E é importante ressaltar também que a razão é pautada pela intuição, porquanto a cada passo que se dá na busca da demonstração, existe um conhecimento intuitivo do acordo ou desacordo da ideia intermediária seguinte. Assim, para que se chegue à demonstração, através do raciocínio, é necessário constantemente a utilização da intuição.

E por último, John Locke nos apresenta o conhecimento sensitivo, que consiste "na existência particular de seres finitos exteriores a nós, que, indo além da simples probabilidade, e não alcançando perfeitamente nenhum dos graus anteriores de certeza, assume o nome de conhecimento." (LOCKE, 1991, p. 142). Para Locke, esse conhecimento é menos importante e mais limitado que os anteriores. Esse conhecimento não trata de maneira estrita da concordância e discordância entre ideias, mas do conhecimento da existência. "A ideia da existência se baseia não na ideia em si, mas no ato de receber a ideia." (SHERIDAN, 2013, p. 141). Dessa maneira, Patrícia Sheridan nos diz que, para John Locke, a ideia da existência não é voluntária, mas involuntária, pois a mente humana é invadida pelas ideias sensoriais. O conhecimento sensível só existe no momento em que uma ideia entra na mente. Logo, a sua existência não ultrapassa o testemunho presente dos sentidos, ocupados de ideias particulares, é passageiro. E é por isso que Locke o considera muito peculiar. Analisemos a citação a seguir:

Estas duas, a saber, intuição e demonstração, são os graus de nosso conhecimento; seja o que for que não corresponda a um desses, por mais que seja dotado de segurança, é apenas fé ou opinião, mas não conhecimento, ao menos em todas as verdades gerais. (LOCKE, 1991, p. 142).

Como é observável na citação acima, Locke considera praticamente como graus do conhecimento humano apenas conhecimento intuitivo e conhecimento

demonstrativo ou racional. Porém, logo após fazer a afirmação acima, ele admite um terceiro grau, que é o conhecimento sensitivo. O conhecimento sensitivo ou sensível é tratado com menos importância por Locke, porque não vai além da existência particular de objetos finitos exteriores ao homem. Com efeito, esse conhecimento não alcança o mesmo grau de certeza da intuição nem da demonstração.

Após analisar os graus, John Locke analisa a extensão do conhecimento humano. E a respeito da extensão do conhecimento humano, o filósofo empirista afirma: "o conhecimento, como foi dito, baseando-se na percepção do acordo ou desacordo de quaisquer de nossas ideias, resulta disso que, primeiro, não podemos ter conhecimento além do que temos ideias." (LOCKE, 1991, p. 144). Desse modo, Locke diz que o conhecimento é mais limitado que as ideias, visto que há muito mais ideias do que conhecimento. A mente não é capaz de perceber o acordo ou o desacordo de todas as nossas ideias, por isso as ideias são mais extensas do que o conhecimento.

Como já foi dito em momento anterior, o conhecimento é concebido através da intuição, da razão e da sensação. De acordo com Locke, o conhecimento intuitivo não se estende a todas as relações das ideias humanas, pois o homem não consegue relacionar todas as suas ideias à intuição. Já a razão, através de ideias intermediárias, serve para complementar a intuição, porquanto a mente, munida de ideias intermediárias, consegue perceber o acordo e o desacordo de ideias que a intuição não consegue. E a extensão do conhecimento sensitivo não vai além das coisas atualmente presentes aos sentidos do homem.

De acordo com John Locke, na busca pelo conhecimento é necessário analisar as coisas a fundo para comprovar a sua veracidade. É a investigação profunda em busca da verdade das coisas que distingue um homem do outro, visto que um homem que busca o conhecimento verdadeiro quer saber como as coisas verdadeiramente são, diferentemente do homem acomodado que vive apenas de sonhos e fantasias. Mesmo sabendo das limitações humanas, é necessário que sempre se busque um conhecimento mais elevado e perfeito possível. E em relação à estreiteza do nosso conhecimento, Locke diz que há três causas principais para a ignorância humana: carência de ideias; carência de uma descobrível conexão entre as ideias que temos; e carência de traçar e examinar nossas ideias. Um único homem não é capaz de reter todas as ideias do mundo, uns possuem ideias que outros não possuem; também, nem sempre somos capazes de descobrir a conexão

entre todas as ideias que temos, pois não temos conhecimento universal de todas as coisas, fazendo com que a mente não consiga realizar o acordo e o desacordo de maneira exata. E, por último, mesmo em algumas vezes que conseguimos descobrir a conexão entre as ideias que possuímos, não conseguimos traçar e/ou descobrir as ideias intermediárias que podem nos mostrar o acordo ou desacordo que as ideias têm entre si. Assim, essas três causas dificultam a certeza do conhecimento, mas o ideal é sempre tentar ir mais além.

Para Locke, o conhecimento só é real quando as nossas ideias entram em conformidade com a realidade das coisas. E a mente só sabe dessa conformidade quando todas as ideias simples estão conforme as coisas. Essas ideias consistem na percepção da mente sobre as coisas exteriores que agem sobre ela. Outra maneira de saber se o conhecimento é real, é através de todas as ideias complexas, exceto as de substâncias que servem para representar a si mesmas, não dando possibilidade ao erro. Podemos também considerar o conhecimento matemático e o conhecimento moral como sendo reais, pois os dois dependem da percepção do acordo e desacordo de nossas ideias. Observemos o que diz a comentadora Patrícia Sheridan sobre o conhecimento real:

[...] é algo mais que a mera percepção de concordância ou discordância entre ideias (poderíamos dizer que esta seria a definição geral do conhecimento). Este tipo especial de conhecimento requer que as ideias sendo comparadas se conformem à realidade, e Locke acha que este tipo de conhecimento tem um nível de certeza diferente de qualquer coisa que caia em sua definição mais geral. (SHERIDAN, 2013. p. 146).

Depreende-se que, segundo Sheridan, John Locke considera o conhecimento real como o conhecimento que vai além do simples conhecimento, ou da mera concordância ou discordância de ideias. Para ela, o empirista inglês considera o conhecimento real como o mais importante, já que um homem pode imaginar que sofreu uma queimadura, mas não é a mesma coisa que sofrer uma queimadura. Assim, a mente consegue fazer o acordo ou desacordo entre as ideias que produziram a imaginação da queimadura, mas isso não condiz com a realidade.

A verdade é muitíssimo importante na questão do conhecimento. Locke a define assim: "Parece-me, pois, que a verdade, na importância própria da palavra, nada mais significa que a união ou separação de sinais, e de que modo as coisas significadas por elas concordam ou discordam entre si." (LOCKE, 1991, p. 159). A

união ou separação de sinais Locke denomina *proposição*. Dessa maneira, a verdade pertence às proposições. E elas são de dois modos: mental e verbal, ou seja, ideias e palavras.

É necessário que se distinga a verdade do pensamento da verdade das palavras, ainda que seja difícil de tratá-las separadamente. A verdade do pensamento deixa de ser unicamente mental quando passa a ser representada por palavras. A proposição mental é constituída de ideias sem nomes. Já a proposição verbal é enunciada por palavras. As proposições verbais são mais seguras que as mentais, pois há ideias complexas muito confusas e difíceis de determinar, por isso são substituídas por nomes que são mais claros, certos e distintos; e, desse modo, o homem consegue entender as proposições de maneira mais exata.

Falar sobre a verdade é também saber como ela se distingue da falsidade. Locke diz: "A verdade é o estabelecimento, por palavras, do acordo ou desacordo das ideias segundo o que é. Falsidade é o estabelecimento, por palavras, do acordo ou desacordo de ideias de modo diverso do que é." (LOCKE, 1991, p. 161). Assim, John Locke faz uma clara distinção entre verdade e falsidade. Quando a mente consegue perceber o acordo ou desacordo das ideias levando em consideração as coisas como realmente são, tem-se a verdade; quando isso ocorre de modo contrário, tem-se a falsidade.

Como se percebe, a verdade está relacionada ao conhecimento. Quando o homem não consegue descobrir o acordo ou desacordo existente entre as ideias e, dessa maneira, não é capaz de identificar a união ou separação de sinais, a verdade não é alcançada e o conhecimento não é ampliado. Para que o conhecimento possa ser elevado é necessário que a verdade seja alcançada. Observemos o que Locke diz sobre as verdades gerais:

As verdades gerais são encaradas pela mente como as que mais ampliam nosso conhecimento; e, por sua compreensão, nos satisfazem imediatamente em vários particulares, aumentam nossa visão e encurtam nosso caminho para o conhecimento. (LOCKE, 1991, p. 161).

Na citação, fica clara a importância das verdades gerais para a ampliação do conhecimento humano. As verdades gerais são dificilmente entendidas nas proposições mentais; elas são mais bem entendidas nas proposições verbais. Dessa maneira, as verdades gerais são concebidas e expressas por palavras.

John Locke também afirma que existem dois tipos de certeza: certeza da verdade e certeza do conhecimento. "Certeza da verdade aparece quando as palavras reunidas em proposições expressam precisamente o acordo ou o desacordo das ideias que significam, como realmente é". (LOCKE, 1991, p. 162). Percebe-se que para Locke a certeza da verdade está ligada às palavras. Então, quando as palavras conseguem expressar de maneira precisa o acordo ou desacordo entre ideias, a certeza da verdade é alcançada. Já, "certeza do conhecimento consiste em perceber o acordo ou desacordo das ideias como expressas em qualquer proposição." (LOCKE, 1991, p. 162). Como se observa, a certeza do conhecimento não está ligado exclusivamente às palavras, mas também a todo tipo de acordo ou desacordo das ideias. Portanto, quando a mente percebe de maneira precisa o acordo ou desacordo entre ideias, a certeza do conhecimento é alcançada.

Em sua análise acerca do entendimento, Locke diz que as máximas não são muito importantes para o conhecimento humano. Segundo ele, elas não servem para provar o acordo ou desacordo de nossas ideias. Assim, o conhecimento se eleva sem o auxílio ou a contribuição das máximas. Dizer que as máximas gerais são indispensáveis ao conhecimento humano, é um equívoco gravíssimo.

Muitas proposições que são utilizadas corriqueiramente não representam algo a mais ao conhecimento. Essas proposições são utilizadas apenas como recurso de linguagem. Muitas pessoas que utilizam tais proposições não sabem o que elas significam realmente. Essas pessoas as utilizam apenas para emitir sons que aprenderam de maneira vã, ou seja, sem saber o verdadeiro significado daquilo que estão reproduzindo. Por isso, John Locke considera essas proposições como frívolas, pois não acrescentam coisa alguma ao conhecimento humano.

Locke diz que o homem tem conhecimento de sua própria existência pela intuição; da existência de Deus pela demonstração; e da existência de outras coisas pela sensação. Para ele, nada é mais evidente que a existência humana. Se um homem pensa, sente dor, duvida, então ele tem tanta percepção certa da existência do pensar, da dor e da dúvida como tem da própria existência. Quanto ao conhecimento de Deus, Locke afirma que alcançamos a certeza do conhecimento de um Deus através da nossa própria existência, pois mediante certeza intuitiva sabemos que o puro nada não é capaz de produzir ser algum. Com efeito, ao ter consciência da própria existência, o homem é capaz de conceber a ideia de um ser

perfeito que deu origem a todas as coisas. Desse modo, a nossa própria existência e a ideia que temos de um ser perfeito são provas da existência de Deus. E sobre o conhecimento da existência de outras coisas, podemos ter apenas sensação, visto que esse conhecimento pertence apenas aos sentidos.

Como já foi enfatizado em momento anterior, o conhecimento não provém das máximas. E também elas não servem para aperfeiçoar o conhecimento humano. Para Locke, aqueles que dizem ou propagam a opinião de que as máximas são o fundamento de todo o conhecimento humano, estão totalmente equivocados, porquanto o grande avanço e certeza do conhecimento real nas ciências não ocorreram devido às máximas, mas às ideias claras, distintas e completas. Dessa maneira, as máximas não representam ganho algum para o conhecimento em geral. Existem pessoas que nunca ouviram certas máximas, mas nem por isso deixam ou deixaram de aprender o que está exposto no conteúdo dessas máximas, de modo que a máxima não é condição necessária para o conhecimento.

O aperfeiçoamento do conhecimento humano passa muito longe das máximas. Para que aperfeiçoemos o nosso conhecimento, é necessário levarmos em consideração o acordo e o desacordo de nossas ideias, para que possamos distinguir o certo do errado e alcançar a certeza indubitável. Observemos a citação a seguir:

O meio para aperfeiçoar nosso conhecimento não consiste, estou seguro, em receber e abarcar princípios cegamente e com implícita fé, mas sim, penso, em apreender e fixar em nossas mentes ideias claras, distintas e completas, na medida em que a temos, e anexar a elas nomes próprios e constantes. E assim, talvez, sem quaisquer outros princípios, mas simplesmente considerando estas ideias, e por compará-las entre si, encontrar seus acordos e desacordos, e suas várias relações e hábitos; adquiriremos, então, conhecimento mais verdadeiro e claro pela orientação desta única regra do que por possuir princípios, e deste modo colocar nossas mentes à disposição de outrem. (LOCKE, 1991, p. 186).

Na citação, é perceptível a crítica lockeana às máximas e àqueles que as consideram como detentoras de um conhecimento seguro e indubitável. Locke alerta claramente sobre o perigo que há em receber princípios e não verificá-los corretamente. Assim, um indivíduo não deve seguir cegamente o que já está estabelecido, mas buscar a certeza de maneira segura. Para John Locke, não são as máximas que aperfeiçoam o conhecimento humano, mas as ideias. As ideias nítidas e bem definidas ajudam o homem a encontrar o conhecimento verdadeiro.

Além do conhecimento, John Locke analisa a outra faculdade da mente relacionada com a verdade e falsidade. Ele denomina essa outra faculdade da mente de *juízo*. O juízo supre a ausência de conhecimento. Quando ainda não se tem um conhecimento claro e certo sobre as coisas, o juízo preenche essa lacuna. A mente assume que percebe o acordo e o desacordo das ideias, sem uma evidência demonstrativa nas provas. Porém, nem sempre a mente exercita o juízo devido à necessidade de provas demonstrativas ou de um conhecimento certo, mas por preguiça, falta de perícia ou precipitação. Para Locke, o juízo:

Consiste em reunir ideias, ou separá-las mutuamente na mente, quando seu evidente acordo ou desacordo não é percebido, mas *presumido* ser assim; são, como a palavra indica, assumidos ser assim antes que sua certeza apareça. E se eles são tão unidos e separados, com na realidade as coisas são, isto constitui o juízo correto. (LOCKE, 1991, p. 190).

Percebe-se que Locke divide o juízo em dois tipos: correto e não-correto. O correto é aquele que obedece o acordo ou desacordo de ideias e está em conformidade com a realidade das coisas; já o não-correto é aquele que ocorre por preguiça, falta de perícia ou precipitação, mesmo quando há possibilidade de provas demonstrativas e do conhecimento certo. Dessa maneira, pode-se dizer que o juízo correto é aceitável e serve para suprir a escassez do conhecimento humano, entretanto o juízo não-correto é inaceitável e não deve ser disseminado pelo homem.

Locke também analisa a probabilidade. Para ele, a probabilidade é a manifestação do acordo ou desacordo de ideias com base em provas falíveis. A probabilidade não está pautada na certeza, mas na possibilidade de algo ser verdadeiro. John Locke aponta duas bases para o assentimento provável. A primeira é a conformidade de uma proposição ao nosso próprio conhecimento, observação ou experiência. Por exemplo, se João mora no litoral norte do Maranhão e alguém afirma que houve uma chuva de granizo recentemente, João considerará isto improvável, pois nunca antes se teve relato de que chovesse granizo onde João mora e João nunca teve uma experiência que provasse a existência da chuva de granizo. A segunda envolve o testemunho. Se muitas pessoas contarem a João que realmente choveu granizo no litoral norte do Maranhão, mesmo sabendo que lá nunca antes se teve notícia desse tipo de chuva, João considerará a afirmação mais

provável. E para que o testemunho alcance um grau de probabilidade mais elevado é necessário que seja considerado: o número, a integridade, a perícia da testemunha, o desígnio do autor, a consistência das partes e circunstâncias da relação e testemunhos opostos. Assim, João passa da descrença para a dúvida e depois para a crença com base nas evidências que o levam a aceitar como provável uma chuva de granizo no litoral norte do Maranhão. Para Locke, o assentimento precisa ser racional, já que João precisa examinar todas as evidências e testemunhas para afirmar a concordância entre ideias para poder julgar como provável a chuva de granizo no litoral norte do Maranhão.

Segundo Locke, o assentimento deve ser regulado pelas bases da probabilidade. E ele "é a admissão ou recebimento de qualquer proposição por verdade, com base em argumentos ou provas que são descobertas para nos persuadir e recebê-la como verdade, sem um conhecimento seguro do que é." (Locke, 1991, p. 192). Percebe-se claramente que o assentimento só existe devido à existência da probabilidade. Dessa maneira, o que determina e caracteriza o assentimento são as bases da probabilidade que são: a conformidade de uma proposição ao nosso próprio conhecimento, observação ou experiência e o testemunho.

Locke também fala sobre graus da probabilidade. Para ele, o primeiro e mais alto grau da probabilidade consiste no consentimento geral de todos os homens, em todas as épocas, na medida em que isto pode ser conhecido. Por exemplo, gelou na Rússia o inverno passado. O próximo grau de probabilidade faz referência a determinadas questões de fatos descritas por historiadores. Por exemplo, existe uma unidade da federação brasileira chamada Maranhão, nela vivia um homem chamado Luís Domingues, que era um governador. Contudo, é necessário recorrer a historiadores e a testemunhas confiáveis.

Não se pode falar em conhecimento, sem se falar em razão. E apesar de Locke não considerar a razão como fonte primordial do conhecimento, ele não a deixa de lado nem a desconsidera. Para John Locke, a razão "é a faculdade pela qual o homem é suposto distinguir-se das bestas, e pela qual é evidente que ele as ultrapassa." (LOCKE, 1991, p. 198). Desse modo, o filósofo empirista designa uma função muito importante para a razão. Assim, a razão é o elemento principal que diferencia o homem dos outros animais; e também, um homem do outro, pois aquele que consegue exercitar mais a razão é mais capaz do que aquele que exercita

menos. Entende-se que a razão seja muito importante para o ser humano, já que para Locke a razão serve para ampliar o conhecimento e para organizar o assentimento humano:

como a razão percebe a conexão necessária e indubitável de todas as ideias ou provas entre si, em cada passo de qualquer demonstração que produz conhecimento, do mesmo modo percebe conexão provável de todas as ideias ou provas entre si, em cada passo do discurso, para o qual pensará que o assentimento é devido. (LOCKE, 1991, p. 198).

Na citação, observa-se a importância que Locke atribui à razão. Se não existisse a razão, o conhecimento seria ainda mais limitado do que já é, e seria impossível o homem assentir sobre as coisas que ele não consegue conhecer. Desse modo, a razão é imprescindível para a vida humana. Depreende-se que uma das principais características do homem, em relação aos outros animais, seja a *racionalidade*.

Ao se falar em razão, é necessário definir o que significa *raciocínio*. Para Locke, o raciocínio consiste na busca pela descoberta do acordo ou desacordo de ideias, quando a mente não consegue distingui-las imediatamente e necessita de ideias intervenientes para se chegar ao conhecimento. Às ideias intervenientes que descobrem o acordo ou desacordo de outras duas ideias, dá-se o nome de provas. E são as tais provas que tornam o conhecimento demonstrativo, porquanto, quando o acordo ou desacordo de ideias é evidente e claramente percebido por meio de provas, denomina-se demonstração.

De acordo com John Locke, a razão possui quatro graus:

o primeiro e mais alto consiste em descobrir e encontrar provas; o segundo, a disposição regular e metódica das mesmas, colocando-as numa ordem clara e adequada, para tornar sua conexão e força clara e facilmente percebidas; o terceiro consiste na percepção de sua conexão; e o quarto consiste em tirar a correta conclusão. (LOCKE, 1991, p. 199).

Os graus da razão servem tanto para o conhecimento demonstrativo como para o assentimento. Percebe-se na citação acima que a razão busca sempre a clareza, a segurança e a certeza. Assim, é necessário que cada parte da razão seja levada em consideração para se chegar ao conhecimento demonstrativo e ao assentimento sobre o que não podemos conhecer. Só quem consegue perceber e assimilar todos esses graus, consegue ir mais além.

Outra questão levantada por Locke acerca da razão é a utilidade do *silogismo*. Para John Locke, o silogismo não é o único instrumento da razão pelo qual se pode chegar ao conhecimento nem é o mais útil. Muitos homens conseguem produzir conhecimento demonstrativo sem a ajuda do silogismo, e às vezes, os que não necessitam desse instrumento e nem mesmo ouviram falar sobre ele, conseguem produzir conhecimento igual ou até mais elevado que os que utilizam tal instrumento. Locke alerta para o perigo que o silogismo pode representar ao conhecimento. O filósofo empirista afirma que o silogismo não serve para aumentar o conhecimento humano, mas para cerceá-lo. Isso se deve ao fato de: "Este meio de raciocinar não revela novas provas, mas é a arte de ordenar e classificar as velhas que já possuímos." (LOCKE, 1991, p. 202). Desse modo, o silogismo é prejudicial ao homem, visto que impede que ele possa desenvolver a razão de maneira mais adequada.

John Locke faz uma clara distinção entre fé e razão. Mas vale ressaltar que há dois usos diferentes desse termo no *Ensaio acerca do entendimento humano*. Um é utilizado como sinônimo de opinião; e o outro é utilizado no contexto religioso. A distinção a seguir faz referência ao uso do termo *fé* no contexto religioso:

A razão, como contradistinguida da fé, assumo que é a descoberta da certeza ou probabilidade de tais proposições ou verdades que a mente alcança por dedução feita de tais ideias, que adquiriu pelo uso de suas faculdades naturais, ou seja, pela sensação ou reflexão. A fé, por outro lado, é o assentimento de qualquer proposição, não estabelecida pelas deduções da razão, mas com base na confiança do proponente, como derivada de Deus, em algum meio extraordinário de comunicação. Este meio para desvendar a verdade aos homens, denominamos *revelação*. (LOCKE, 1991, p. 204).

Observa-se que para Locke a razão é a descoberta da certeza ou da probabilidade por meio da dedução; já a fé é o assentimento baseado na confiança do fiel. Na fé, a confiança é derivada de Deus e a verdade só é possível pela revelação. Não se deve deixar de explicitar que as ideias que possibilitam a revelação são antes produzidas pela sensação ou reflexão. Desse modo, percebe-se que tanto a razão como a fé necessitam da intuição. E a fé necessita também da razão. Sem razão não pode haver fé, porque é a razão que organiza o assentimento humano.

John Locke diz que as religiões exaltam a fé em detrimento da razão. Que elas só dão importância à fé, transformando quase que totalmente os homens

religiosos em seres irracionais, pois pregam que aquele que se alimenta da fé não necessita da razão para sobreviver. O filósofo empirista deixa claro que é necessário estabelecer a diferença entre fé e razão para que não haja mal-entendido. Entende-se que o não uso da razão no contexto religioso leva o ser humano à pequenez, e que é necessária a razão para que o homem saiba discernir exatamente o que lhe foi revelado por Deus. De acordo com Locke:

a religião, que mais deveria nos distinguir das bestas, e deveria mais particularmente nos elevar, como criaturas racionais, acima dos brutos, consiste nisso, ou seja, os homens frequentemente, através dela, parecem mais irracionais e menos insensíveis que as próprias bestas. (LOCKE, 1991, p. 206).

Percebe-se a insatisfação de Locke em relação às religiões. Ele faz dura crítica e não compartilha com o modo de as religiões lidarem com a razão. O filósofo empirista se mostra um defensor da razão, na medida em que defende o papel fundamental desta na elevação e aprimoramento do conhecimento humano. Para Locke, a fé não está desvinculada da razão. E as religiões precisam perceber a conexão que existe entre fé e razão. Se as religiões perceberem tal conexão, os religiosos terão um entendimento muito maior sobre as coisas. Porém, mesmo alguém que pertença a uma religião, precisa cultivar não apenas a fé, mas também a razão, pois é possível, mesmo com todo o cerceamento das religiões, que um homem religioso cultive a razão e amplie o seu conhecimento.

Após fazer uma análise sobre fé e razão, Locke analisa o assentimento errôneo ou erro. Para Locke, o conhecimento é tido como verdadeiro, quando é visível e evidente. E o erro "não é uma falta de nosso conhecimento, mas um equívoco de nosso julgamento assentido a algo que não é verdadeiro." (LOCKE, 1991, 207). Assim, o erro é o assentimento contrário à probabilidade, já que as pessoas frequentemente ao tentarem assentir de maneira correta, cometem equívocos.

John Locke aponta quatro causas para o erro: carência de provas, carência de habilidades para usar as provas, carência de vontade para ver as provas e medidas errôneas de probabilidade. A carência de provas não é apenas a falta de provas que não existem em nenhuma parte, mas sim a carência mesmo das provas que estão no ser, ou podem ser buscadas. Os homens necessitam de provas, porquanto não têm a conveniência ou a oportunidade para realizar por si mesmos

experimentos e observações, que possam provar qualquer proposição. A carência de habilidades para usar as provas se encontra naqueles que não podem conduzir um série de consequências, nem avaliar exatamente o predomínio de provas contrárias e testemunho, dando para cada circunstância seu devido reconhecimento, podem ser facilmente desviadas a dar seu assentimento a posições que não são prováveis. A carência de vontade para usar as provas se encontra naqueles que não se utilizam de provas, não por estar fora do alcance deles, mas por simplesmente não usarem, devido à preguiça em geral ou por aversão aos livros, estudo ou meditação. Já as medidas errôneas de probabilidade ocorrem quando as probabilidades reais aparecem e são claramente colocadas à sua frente e não admitem convicção, mas suspendem seu assentimento ou dão opiniões menos prováveis.

Em relação à última causa do erro, Locke aponta quatro medidas errôneas de probabilidade. A primeira medida ele denomina de proposições que não são em si mesmas certas e evidentes, mas duvidosas e falsas, assumidas por princípios. Essa primeira medida consiste na averiguação cuidadosa de todos naquilo que se admite por princípio. A segunda medida é denominado de hipóteses recebidas e consiste na não examinação de assentimento. A terceira medida é denominada de paixões ou inclinações predominantes e consiste no predomínio das paixões sobre as ações humanas. Já a quarta e última medida errônea de probabilidade, denominada autoridade, mantém um número maior de pessoas no erro ou na ignorância do que as outra três reunidas. Ela consiste em o homem dar o assentimento às opiniões comumente recebidas de alguém, sem a devida averiguação, baseado na autoridade.

A análise lockeana sobre as causas do erro e acerca das medidas errôneas de probabilidade pode levar à compreensão não apenas de que é necessária uma averiguação minuciosa e cuidadosa sobre a certeza das proposições e hipóteses, como também é necessária uma força de vontade para o ingresso no mundo da pesquisa e dos estudos. E que a condição financeira desfavorável nunca deve ser obstáculo para aqueles que buscam e primam pelo conhecimento. E aqueles que têm uma condição financeira favorável jamais devem deixar com que a preguiça ou a aversão pelos livros os impeçam de buscar a certeza do conhecimento e a certeza da verdade, pois o mundo precisa de pessoas que se lancem ao conhecimento e à

verdade da maneira mais adequada possível, para que assim as coisas possam ser percebidas com mais clareza.

No último capítulo do livro IV do *Ensaio acerca do entendimento humano*, John Locke aborda a divisão das ciências. Observemos o que o empirista inglês fala sobre isso.

Tudo que pode cair ao alcance do entendimento humano consiste ou, *primeiro*, na natureza das coisas, como elas são em si mesmas, suas relações e suas maneiras de operação; ou, *segundo*, no que o próprio homem deve fazer, como agente racional e voluntário, para a obtenção de algum objetivo, especialmente a felicidade; ou *terceiro*, nos caminhos e meios pelos quais o conhecimento de ambos, de um ou de outro desses, é apreendido e comunicado. (LOCKE, 1991, p. 211).

Os três tipos de ciências mencionados por Locke na citação são: primeiro, filosofia natural; segundo, ética; e terceiro, lógica ou doutrina dos sinais. O primeiro, não trata apenas de matéria e corpo, mas também do espírito, e a sua finalidade é a verdade especulativa. O segundo, trata das coisas práticas, buscando ampliar os poderes e as ações para a obtenção das coisas boas e úteis, visando a felicidade, e a sua finalidade não é a simples especulação e conhecimento da verdade, mas o correto e o que lhe é adequado. Já o terceiro, trata da natureza dos sinais que a mente utiliza para o entendimento das coisas, ou transmitir esse conhecimento a outros, e a sua finalidade principal é o uso correto dos sinais. Por conseguinte, a divisão dos objetos do conhecimento humano está sob os limites desses três tipos de ciências.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os motivos que levaram à elaboração deste trabalho giram em torno da inquietação em saber como John Locke concebe a noção de conhecimento, a partir do viés empirista, na obra *Ensaio acerca do entendimento humano*. No decorrer da pesquisa, percebeu-se que para Locke o conhecimento só é possível porque há a experiência sensível, pois nada existe na mente sem antes ter tido uma referência na experiência. Porém, John Locke não despreza nem renega a razão, ela serve para organizar o pensamento humano.

Buscando compreender de maneira mais adequada a concepção de conhecimento em Locke, averiguou-se no primeiro capítulo deste trabalho a importância das ideias para a teoria do conhecimento de John Locke, em especial, as ideias sensíveis. Para que assim se pudesse dizer com clareza como as ideias sensíveis são indispensáveis para a aquisição do conhecimento humano.

No segundo capítulo buscou-se, primeiramente, esclarecer o motivo pelo qual Locke refuta o inatismo e afirma que a única fonte do conhecimento humano é a experiência. E que todas as ideias derivam da sensação ou da reflexão. Porém, a reflexão só é possível porque antes existia a sensação. Assim, no segundo capítulo deste trabalho observa-se o esforço de Locke em mostrar que o homem não nasce com ideias inatas na mente, mas é no transcurso da vida que as ideias vão preenchendo a mente. Desse modo, o filósofo empirista rompe com a tradição que afirmava que os homens já nascem com certos princípios apriorísticos na mente. Para sustentar a posição de que a fonte de todas as ideias é a experiência, John Locke faz uma análise minuciosa sobre as ideias dizendo como elas são responsáveis pelo conhecimento humano.

Além de as ideias terem como única fonte a experiência e derivarem da sensação ou da reflexão, elas também são de dois tipos: simples e complexas. As ideias simples são evidentes por si mesmas, ou seja, quando a mente entra em contato com essas ideias, reconhece-as de imediato. Já as ideias complexas não são reconhecidas de imediato pela mente. Nesse caso a mente é bastante ativa, pois é ela que forma as ideias complexas a partir de ideias simples. De acordo com Locke, a ideia complexa é uma coleção de ideias simples. E essas ideias podem ser divididas em três: ou de modos, ou de relações, ou de substâncias. São nesses três tipos que estão reunidas todas as ideias complexas que a mente humana é capaz

de construir. Desse modo, percebeu-se na elaboração do primeiro capítulo que as ideias são o sustentáculo da teoria lockeana. E que sem as ideias originadas na experiência não se pode ter tipo algum de conhecimento.

No terceiro capítulo deste trabalho, procurou-se mostrar a importância da linguagem para a construção do conhecimento humano, pois Locke considera a linguagem fundamental para o conhecimento. Sem ela o conhecimento não teria utilidade alguma, já que cada indivíduo precisa externar o que sabe para que assim todos saibam o que cada um sabe. Dessa maneira, o conhecimento que só pertence a um indivíduo, em particular, é inútil. Para Locke, a utilidade do conhecimento reside no ato comunicacional. Assim, o conhecimento precisa estar inserido em uma coletividade.

A linguagem fazendo e sendo parte de um todo organizado, também é uma construção desse todo. De acordo com Locke, a linguagem é um artefato humano. A linguagem é o meio pelo qual um indivíduo comunica as suas ideias particulares a outrem, ou seja, é o meio pelo qual o particular se torna universal. Desse modo, ela é o meio que possibilita o compartilhamento de ideias. A teoria da linguagem de Locke também é uma teoria das ideias, como toda a teoria do conhecimento lockeana. Para Locke, a finalidade da linguagem é a comunicação. Todavia, ele alerta para o abuso de palavras que podem tornar a linguagem obscura. Por isso é necessário que se utilizem sempre as palavras com significados mais claros e concisos possíveis. Ele também aponta passos para se evitar o abuso de palavras. E o primeiro e mais importante passo para se evitar erros linguísticos é entender que as palavras significam estritamente ideias na mente.

No quarto capítulo deste trabalho buscou-se compreender como se dá a constituição do conhecimento no *Ensaio acerca do entendimento humano*. Por isso foi realizada uma minuciosa análise acerca dos graus, extensão e certeza do conhecimento humano. No referido capítulo, nota-se que Locke procura provar a tese de que todo o conhecimento humano deriva da experiência sensível. Nota-se também, como em todos os capítulos deste trabalho, que não há conhecimento sem ideias. Locke divide o conhecimento em três graus: intuitivo, demonstrativo e sensitivo. Ele diz que o intuitivo é o grau mais seguro, que o sensitivo é o mais limitado e que o demonstrativo depende de provas. Para ele, o demonstrativo depende da razão; e a razão é a que mais contribui para a extensão do conhecimento humano. John Locke também diz que é preciso averiguar as coisas a

fundo e ter clareza acerca das ideias para se ter certeza daquilo que se tem por verdade ou por conhecimento.

Além disso, por aquilo que se averiguou e se compreendeu em todo o *Ensaio acerca do entendimento humano*, e principalmente no quarto e último Livro, a ignorância é a maior e mais cruel de todas as prisões, e o conhecimento, o passaporte para a liberdade. Assim, John Locke, ao escrever uma obra sobre teoria do conhecimento, escreveu também sobre ignorância e liberdade. Entende-se que para ele, o homem foge da ignorância e é livre quando busca o conhecimento por si mesmo, levando em consideração os critérios de certeza. E, finalmente, na medida do possível, este trabalho tentou esclarecer como, segundo Locke, o conhecimento é essencialmente derivado da experiência sensível.

REFERÊNCIAS

AYERS, Michael. **Locke: ideias e coisas**. Trad. José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: UNESP, 2000. (Coleção grandes filósofos).

HESSEN, Johannes. **Teoria do conhecimento**. Trad. João Virgílio Gallerani Cuter. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LOCKE, John. **Ensaio acerca do entendimento humano**. Trad. Anoar Aiex. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Os pensadores).

_____. **A Draft do Ensaio acerca do entendimento humano**. Trad. Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: Unesp, 2013.

SHERIDAN, Patrícia. **Compreender Locke**. Trad. Fábio Ribeiro. Petrópolis: Vozes, 2013. (Série compreender).

STRATHERN, Paul. **Locke em 90 minutos**. Trad. Maria Helena Geordane. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. (Filósofos em 90 minutos).

YOLTON, John W. **Dicionário Locke**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1996. (Dicionário de filósofos).